



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DE ACONSELHAMENTO
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
“LUÍS DE CAMÕES”

A AMABILIDADE E A CONSCIENCIOSIDADE NO BEM ESTAR
SUBJETIVO: UM ESTUDO TRANSCULTURAL

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e de Aconselhamento

Autora: Cristina Sofia Ribeiro Nogueira

Orientadora: Professora Doutora Iolanda Carla Costa Galinha

Número da candidata: 20160233

Março de 2024

Lisboa

Agradecimentos

Agradeço a todos os que me acompanharam desde o início da licenciatura, até ao final desde trabalho.

Resumo

A teoria da personalidade dos cinco grandes traços tem um impacto incontestável na relação ao afeto positivo e negativo. Os traços que apresentam controvérsia nesta ligação são os traços de amabilidade e conscienciosidade. Este estudo tenta perceber o efeito dos traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade na dimensão afetiva do bem-estar subjetivo. Não esquecendo a influência da cultura, que têm também um forte impacto no afeto que os indivíduos sentem diariamente em especial as dimensões masculina e de distância ao poder. Para isso, foi feita a análise entre o afeto positivo e negativo e os traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e depois a comparação destes resultados com os traços culturais de três países diferentes : Portugal, Índia e Suécia

Palavras-chave: bem-estar subjetivo; amabilidade; conscienciosidade; dimensões culturais

Abstract

The Big Five personality theory has an undeniable impact on the relationship between positive and negative affect. The traits that present more controversy in this connection are the traits of agreeableness and conscientiousness. This study wants to understand the effect of the personality traits of agreeableness and conscientiousness on the affective dimension of subjective well-being, not forgetting the influence of culture , which also have a strong impact on the affect that individuals feel on a daily basis, especially the masculine and power distance dimensions To this end, positive and negative affect were analyzed in relation to the personality traits of agreeableness and conscientiousness, and then these results were compared with cultural traits from three different countries: Portugal, India and Sweden

Keywords: subjective well-being; agreeableness, conscientiousness, cultural dimensions

Índice

Enquadramento teórico	11
1. Personalidade	12
1.1 Big Five	13
2. Bem-estar Subjetivo	17
2.1 Evolução do Conceito de Bem-estar Subjetivo	18
2.2 Preditores de bem-estar subjetivo	19
2.3 Associação Entre o Bem-Estar e a Personalidade	20
3 Dimensões culturais de Hofstede	22
3.1 Individualismo	23
3.2 Distância ao Poder	23
3.3 Evitação à incerteza	24
3.4 Masculinidade ou Motivação para a realização e o sucesso (MRS)	25
3.5 Orientação a Longo Prazo	26
3.6 Indulgência	26
3.7 Dimensões Culturais Portugal, Índia e Suécia	26
4. Associação Entre Personalidade e Bem-Estar em Culturas Diferentes	31
Método	34
Objetivos	34
De acordo com a literatura foram colocadas as seguintes hipóteses:	34
Instrumentos	35
Procedimento	36
Resultados	37
Panas	37
Análise Fatorial Confirmatória – Traços de Personalidade Amabilidade e Conscienciosidade	40
Análise da Correlação entre Conscienciosidade, Amabilidade e Afeto Positivo e Afeto Negativo	45
Análise de Regressão entre as Variáveis Amabilidade, Conscienciosidade e o Afeto Postivo Negativo	47
Comparação da Análise de Regressão entre as Variáveis Amabilidade, Conscienciosidade e o Afeto Postivo e Negativo	49
Discussão	51

Afeto e Personalidade,	52
Diferenças Entre os Traços Culturais	54
Referências Bibliográficas	58

Índice de Tabelas

Tabela nº 1 – (Correlação entre traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e afeto positivo e negativo)..... 045

Tabela nº 2 – (Valores de regressão não padronizados e padronizados entre traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e afeto positivo e negativo)..... 048

Índice de Figuras

Figura 1 – (Dimensões Culturais Portugal, Índia e Suécia)	027
Figura 2 – (Dimensões culturais em Portugal)	029
Figura 3 – (Dimensões culturais em Índia)	030
Figura 4 – (Dimensões culturais na Suécia)	031
Figura 5 – (Modelo inicial multigrupo panas amostra portuguesa)	039
Figura 6 – (Modelo final multigrupo panas amostra portuguesa)	040
Figura 7 – (Modelo inicial multigrupo amabilidade amostra sueca).....	041
Figura 8 – (Modelo final multigrupo amabilidade amostra sueca)	042
Figura 9 – (Modelo inicial multigrupo conscienciosidade amostra sueca)	043
Figura 10 – (Modelo final multigrupo conscienciosidade amostra sueca)	044
Figura 11 – (Modelo correlacional multigrupo amostra portuguesa)	047
Figura 12 – (Modelo Modelo estrutural multigrupo amostra portuguesa)	050

Índice de Apêndices

Apêndice A – Correlação entre traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e afeto positivo e negativo	083
Apêndice B – Regressão entre traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e afeto positivo e negativo	084

Índice de Anexos

Anexo A – (Modelo inicial Multigrupo PANAS livremente estimado)	067
Anexo B – (Modelo final Multigrupo PANAS livremente estimado)	069
Anexo C – (Modelo multigrupo inicial amabilidade, livremente estimado)	071
Anexo D – (Modelo multigrupo final amabilidade, livremente estimado)	073
Anexo E – (Modelo multigrupo inicial conscienciosidade, livremente estimado)	075
Anexo F – (Modelo multigrupo final conscienciosidade, livremente estimado)	077
Anexo G – (Modelo correlacional multigrupo, livremente estimado).....	079
Anexo H – (Modelo multigrupo regressão amabilidade, conscienciosidade, afeto positivo e afeto negativo, livremente estimado)	081

Índice de Abreviaturas

BIS/BAS – *Behavioral Inibitivo and Behavioral Activation System* - (sistema de inibição comportamental/ sistema de ativação comportamental)

CFA - Análise fatorial confirmatória

CFI- Índice de ajuste comparativo

RMSEA - Raiz do erro médio quadrático de aproximação

Amabilidade e a Conscienciosidade no Bem Estar Subjetivo: Um Estudo Transcultural

Cada vez mais é dada atenção ao conceito de bem-estar e à sua influência, na melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e na sua saúde mental. Atualmente, através da teoria da personalidade do *Big Five* sabe-se que um elevado neuroticismo e menor extroversão está associado a um baixo nível de bem-estar (Anglim et al, 2020). No entanto a amabilidade e conscienciosidade são também traços importantes para o bem-estar e não foram ainda tão estudados. É importante que os fatores preditores do bem-estar sejam estudados, para melhorar a qualidade de vida sobretudo a saúde física e mental, a auto-estima e a autorrealização (Pollock et al., 2016). Embora ainda não existam muitos estudos sobre como eles influenciam os indivíduos, e como em conjunto com as características das culturas em que eles se inserem, podem ajudar a melhorar o seu bem-estar (Gebauer et al., 2020).

1. Personalidade

A personalidade, pode ser definida como a tendência que os indivíduos têm para se comportar da mesma maneira ao longo do tempo, quando estão perante as mesmas situações. Por isso, é um importante preditor de vários comportamentos como por exemplo, o abuso de substâncias, psicopatologias e o bem-estar psicológico (Huels & Parboteeah, 2019). Ela é formada por diferentes fatores desde genéticos, como biológicos e até ambientais (como por exemplo, a cultura) (Athota et al., 2020). Muitas teorias da personalidade têm demonstrado que a personalidade é também influenciada por fatores biológicos e neurológicos e que têm um papel importante para o desenvolvimento das diferentes características da personalidade (Steel et al., 2008).

No estudo da personalidade existem abordagens diferentes sobre a forma como a personalidade funciona, e por isso existem também diferentes teorias da personalidade. Uma das abordagens mais conhecidas, teve origem com os trabalhos de Gordon Allport no século XX. Segundo este autor, a personalidade pode ser explicada através de traços (ou características de personalidade). Na altura, esta ideia acabou por ser um ponto de viragem no estudo da personalidade, porque as outras teorias eram baseadas sobretudo no inconsciente dos indivíduos. No caso desta teoria, os traços eram os elementos base para o estudo da personalidade e apenas podiam ser deduzidos e, por isso, o processo para a sua compreensão, podia levar a vários erros até serem percebidos na sua totalidade (Allik, 2018). Para Allport, a personalidade podia ser explicada como uma organização dinâmica que funciona com base em sistemas psicofísicos através dos quais os indivíduos se adaptam ao meio. Tanto a parte mental como física dos indivíduos funcionam como um sistema interdependente que influencia o comportamento e forma como é percebido o ambiente que o rodeia (Hall et al., 2000). Os traços de personalidade podem ser definidos como os “pensamentos, sentimentos e comportamentos dos indivíduos” e que se mantêm consistentes ao longo do tempo. Eles caracterizam a forma de agir dos indivíduos, e definem características intrínsecas dos indivíduos que são também as características mais difíceis de mudar (Pfund, 2023). Os traços de personalidade são estruturas neuropsíquicas que estão organizadas em três tipos diferentes de fatores, de acordo com o grau com que influenciam a personalidade. Os mais dominantes são chamados de traços cardinais, os traços centrais são os que ainda apresentam alguma influência mas não tanta como os anteriores, e por último os menos

dominantes são chamados de traços essenciais. Outros autores tiveram como base a teoria dos traços de personalidade para os seus trabalhos como é o caso de Cattell, que criou um inventário de personalidade com 16 traços que é utilizado ainda hoje, ou McCrae e Costa autores da teoria dos cinco grandes fatores de personalidade que é usada, ainda hoje, como referência em vários contextos diferentes. (Hall et al., 2000,).

1.1 Big Five

Uma das teorias mais usadas atualmente para compreender o comportamento dos indivíduos é o modelo dos cinco grandes fatores também chamado de *Big Five*. Nesta teoria a personalidade pode ser compreendida e estudada através de traços de personalidade, como defendido por Allport. Segundo este modelo a personalidade pode ser explicada através de cinco grandes traços ou dimensões, que podem ser encontradas em todos os indivíduos. Estes cinco traços de personalidade são o neuroticismo, a extroversão, a amabilidade, a conscienciosidade e a abertura a experiência. Esta teoria já foi estudada com indivíduos de 50 países diferentes, e todos eles possuíam estes traços ou características de personalidade. (McCrae et al., 2010).

Este modelo tem ganhado importância nos últimos anos, e é considerado um dos mais credíveis a nível científico, pois tem obtido resultados consistentes em estudos em várias áreas. Ele já foi aplicado no estudo de vários temas como a saúde, o bem-estar, as relações interpessoais, comportamentos desviantes e a nível organizacional onde tem sido muito utilizado tanto para o estudo de vários comportamentos no local de trabalho como para recrutamento e seleção (Simha & Parboteeah, 2020).

Este modelo teve origem com um extenso estudo lexical com o objetivo de definir traços de personalidade. Com este estudo os autores tentaram perceber através do estudo de vários adjetivos, quais poderiam ser usados para descrever as características de personalidade dos indivíduos. Depois desta análise foram também usados autorrelatos para poderem aperfeiçoar o modelo e garantir que os dados obtidos pela análise lexical coincidem com os resultados dos autorrelatos (Soto & John, 2017).

Segundo esta teoria, cada traço corresponde a um tipo de característica, que pode ser subdividida em facetas ou subtraços, que ajudam a perceber com maior pormenor os comportamentos dos indivíduos. Com a análise dos subtraços ou facetas, é possível perceber

também as diferenças de comportamento, entre indivíduos com uma pontuação elevada num determinado traço (Eck & Gebauer, 2022). Neste modelo, ter uma maior ou menor pontuação nos diferentes traços representa uma tendência para que os indivíduos se comportem de uma determinada forma, e por isso, apresentem determinadas características ou predisposições para algumas comportamentos e até para algumas doenças (Strickhouser et al., 2017).

Os traços de personalidade neuroticismo e extroversão são os que foram mais estudados em várias investigações e têm demonstrado fortes resultados estatísticos em áreas diferentes, e que se mantêm consistentes ao longo do tempo. Elas também apontam para que a variedade dos traços, têm uma forte componente genética e estão associadas ao funcionamento cerebral (McAdams & Pals, 2006). Alguns desses estudos relacionam a teoria do *Big Five* com a teoria de biológica da personalidade de Gray. Segundo Gray, os indivíduos podem ter dois sistemas biológicos de recompensa que são desencadeados por dois mecanismos fisiológicos diferentes no cérebro. Um que provoca um sentimento de ansiedade e receio, quando os indivíduos estão numa situação em que preveem que possa haver resultados negativos para eles, ou comportamentos que achem que podem causar-lhes sofrimento ou alguma punição. A este sistema de recompensa foi chamado de *BIS* (sistema de inibição comportamental). Além deste mecanismo, pode ocorrer outro designado por *BAS* (sistema de ativação comportamental), que se pensa estar associado a produção de dopamina no cérebro. Os indivíduos com valor de *BAS* alto, normalmente agem para conseguir concretizar os seus objetivos ou receber uma recompensa (Zhang & Tsingan, 2014). Através de algumas investigações, entre a teoria *BIS/BAS* e *Big Five*, alguns autores conseguiram relacionar os traços de personalidade neuroticismo e extroversão com a origem biológica destes mecanismos. Como o neuroticismo, define a relação entre a instabilidade emocional vs instabilidade emocional, é também o responsável pelas respostas dos indivíduos a acontecimentos percebidos como negativos. Por isso, alguns autores defendem que existe uma resposta com a mesma base biológica entre o mecanismo *BIS* e o traço de neuroticismo. Em relação aos traços de extroversão e a abertura à experiência (que também são considerados respostas neurobiológicas às motivações baseadas em emoções positivas) estarão relacionados como base neurobiológica do mecanismo *BAS* (Şengül-İnal et al., 2018).

1.1.1 Neuroticismo. Um dos traços mais estudados desta teoria é o neuroticismo. Sobretudo a sua influência na ligação ao bem-estar e à saúde mental. Ele indica a tendência para a

estabilidade/instabilidade consoante a sua pontuação for baixa ou alta respetivamente. Com uma baixa pontuação de neuroticismo o indivíduo apresenta uma maior capacidade de desenvolver estratégias mais adaptativas ao meio, enquanto no pólo oposto ocorre o contrário (Miranda, 2021). Quando existe uma baixa pontuação neste traço, os indivíduos costumam demonstrar maior segurança e resiliência em relação a vivências menos positivas ao longo da vida. Nos indivíduos que apresentam maior pontuação neste traço mostram com mais frequência nervosismo, ansiedade, irritação, mau-humor e tristeza e está associado a propensão para algumas doenças mentais (Miranda, 2020). Além disso, quando há uma alta pontuação de neuroticismo ou uma baixa pontuação de amabilidade podem também ser um fator preditor para a psicopatia. (Strickhouser, et al., 2017). Deste traço fazem parte as facetas: Ansiedade, Hostilidade, Depressão, Autoconsciência, Impulsividade e Vulnerabilidade (Soto & Jonh, 2017).

1.1.2 Extroversão. Outro dos principais traços, que tem sido muito estudado, sobretudo na sua relação com o bem-estar é a extroversão. Ele relaciona-se com a procura por interações sociais/evitamento de interações sociais. Os indivíduos com elevada extroversão têm tendência para comportamentos mais sociáveis e habitualmente são mais comunicativos do que os que apresentam uma baixa extroversão (Chiang et al., 2017). As pessoas extrovertidas são normalmente identificadas por serem mais alegres, bem dispostas, e com tendência a serem mais felizes do que os introvertidos (Strickhouser et al., 2017). Estes indivíduos, devido a sua procura por interações sociais, demonstram maior afeto positivo e maior aptidões sociais na relação com os outros (Daejeong et al., 2015). A elevada extroversão é também um fator preditor de comportamentos mais saudáveis, e menor consumo de substâncias (Bresin & Robinson, 2015). As facetas que compõem este traço são: Calor, Gregarismo, Assertividade, Atividade, Procura de excitação e Emoções positivas (Soto & Jonh, 2017).

1.1.3. Amabilidade. A Confiança, Retidão, Altruísmo, Correspondência, Modéstia e Compaixão são as facetas que compõem este traço (Soto & Jonh, 2017). Este traço de personalidade caracteriza-se pela qualidade das relações interpessoais dos indivíduos. As pessoas com pontuação mais elevada neste traço costumam ter relações mais afetuosas São gentis, honestos, altruístas e sinceros nas relações com os outros (Mueller et al., 2019). E também apresentam maior nível de alegria e calma. (Komulainen et al., 2014). Os indivíduos com maior pontuação a nível da amabilidade demonstram também atingir um melhor nível de bem-estar

subjetivo e as emoções negativas são sentidas com menor intensidade. Tendem também a ter uma menor pontuação a nível do neuroticismo. Devido à importância desta dimensão, na forma como os indivíduos se relacionam com os outros e a qualidade dos seus relacionamentos, a amabilidade está bastante associada ao comportamento social (Bresin & Robinson, 2015). Este é o traço que é mais relacionado com a motivação pró social, e por isso estes indivíduos são mais suscetíveis de seguir as normas sociais (Rudert et al., 2020). Por isso, são também caracterizados por serem cooperativos, bondosos, gentis, bem-educados, atenciosos, e apresentam uma maior tendência para se identificarem com a norma social (Daejeong et al., 2015). Nos casos dos indivíduos que apresentam uma baixa pontuação no traço de amabilidade, tendem a manter mais conflitos com os outros e a apresentam maior reatividade aos *stressores* sociais (Mueller et al., 2019). São também hostis, agressivos, egoístas, indiferentes aos outros, ofensivos e com pouca empatia. E também menos eficientes na resolução de conflitos interpessoais e apresentam menor saúde mental e longevidade (Mongrain et al., 2018).

1.1.4. Conscienciosidade. Pode ser definida como a tendência para atingir objetivos, e a uma grande capacidade de autocontrolo. Este traço compreende as facetas: Competência, Ordem, Sentido de dever, Realização pessoal, Autodisciplina e Realização (Soto & Jonh, 2017). Normalmente estes indivíduos, são caracterizados por serem de confiança, e trabalham de forma metódica para atingir os resultados a que se propõem (Daejeong et al., 2015). No caso de um elevado nível de conscienciosidade, os indivíduos costumam apresentar duas características importantes: a confiabilidade (que está ligada ao zelo, à responsabilidade), e a realização (que está associada a forma como estes indivíduos trabalham de forma organizada para conseguir atingir os seus objetivos). Uma elevada conscienciosidade está também relacionada a uma menor tendência para enganarem os outros e para procrastinarem menos (Simha & Parboteeah, 2020). Os indivíduos com maior conscienciosidade, através da sua organização e capacidade de trabalho conseguem atingir os seus objetivos pessoais e tendem a ser mais auto-eficazes, o que também ajuda a promover o seu bem-estar (Zhang & Tsingan, 2014). Os indivíduos com maior nível de conscienciosidade apresentam também um menor nível de ansiedade (Komulainen et al., 2014). De todos os traços, este é o que está mais associado a um melhor desempenho no local de trabalho, e a melhores resultados a nível académico (Rudert et al., 2020).

1.1.5 Abertura à experiência. O traço de abertura à experiência é a tendência dos indivíduos procurarem novas e diferentes experiências e evitar a norma e o tradicional. Caracterizam-se por terem uma grande imaginação, curiosidade e independência (Matz, 2021). Além disso, têm tendência a serem proativos, e revelam um grande interesse pela arte e pela cultura (Daejeong et al., 2015). Pelo contrário, quando estamos perante indivíduos com baixa abertura à experiência preferem a segurança e viverem dentro da sua zona de conforto (Hotchin & West, 2021). Deste traço fazem parte as facetas: Fantasia, Estética, Sentimentos, Ações, Ideiais, Valores (Soto & Jonh, 2017).

2. Bem-estar Subjetivo

O bem-estar é um conceito que nas últimas décadas tem sido alvo de um grande interesse de investigação científica. Este conceito tem sido muito estudado por várias áreas da psicologia, sobretudo pela sua relação com a personalidade e por ser considerado um importante fator de saúde mental (Heidemeier & Göritz, 2016). A área que tem estudado mais aprofundadamente este conceito é a psicologia positiva, que é uma disciplina recente do estudo da psicologia, e que tenta compreender quais são os mecanismos que estão envolvidos no bem-estar dos indivíduos. Segundo este ramo da psicologia, as experiências pessoais de cada indivíduo, os aspetos da sua personalidade e os seus comportamentos ao longo do tempo, ajuda a um melhor ajustamento psicológico (McTiernan et al., 2022).

O conceito de bem-estar é muito amplo, e tem sido dividido em várias componentes para facilitar a sua análise e o seu estudo, como por exemplo: o conceito de bem-estar global, que diz respeito à avaliação global que os indivíduos têm da sua satisfação com a vida e o bem-estar psicológico que está relacionado com o desenvolvimento humano, das suas realizações e das concretizações dos seus próprios objetivos de vida (Baselmans et al., 2019). O bem-estar subjetivo corresponde às avaliações que os indivíduos têm sobre a sua própria vida e está dividido em duas dimensões afetivas e uma dimensão cognitiva. Da dimensão cognitiva, fazem parte as avaliações sobre a satisfação dos indivíduos com vários domínios da sua vida como: a satisfação com a vida familiar, com a vida social, ou com a vida profissional por exemplo, e a satisfação com a vida global consiste nos julgamentos de satisfação com a vida em geral (Sirgy, 2019). Da dimensão afetiva fazem parte duas subdimensões: o afeto positivo e o afeto negativo que correspondem às emoções sentidas pelos indivíduos. A primeira subdimensão corresponde às

emoções consideradas positivas, das quais fazem parte por exemplo as emoções como a felicidade, a esperança, o orgulho ou a autoestima e na segunda subdimensão emoções consideradas negativas como a raiva, o ódio, a culpa, tristeza, raiva ou medo (Schimmack et al., 2002)

Tal como a satisfação com a vida, as avaliações feitas sobre o bem-estar subjetivo podem também ser tanto sobre a vida como um todo, ou sobre um ou alguns domínios da vida. Tanto as avaliações com a satisfação com a vida como as emoções positivas ou negativas sentidas são usadas sempre avaliações feitas pelos próprios indivíduos. São utilizados, por isso, instrumentos como escalas de autoavaliação que conseguem apresentar resultados confiáveis e estáveis sobretudo se o espaço de tempo em que for avaliado não for longo, e se não houver grandes mudanças na vida dos indivíduos. Com a evolução do estudo do bem-estar subjetivo passaram a ser usadas outros meios de análise como as técnicas de neuroimagens e podemos encontrar investigações tanto transculturais como longitudinais (Diener et al., 2018). Com o grande aumento dos estudos sobre o bem-estar subjetivo nos últimos anos, passaram a ser feitos novos estudos sobre este conceito para tentar entender a influência das dimensões do bem-estar subjetivo individualmente ou correlacionados com outra escalas. O objetivo é a compreensão de alguns comportamentos ou perturbações que podem ser mais influenciadas por apenas uma ou mais dimensões do bem-estar subjetivo (Diener et al., 2017) Alguns destes estudos, têm tentado perceber melhor, por exemplo, como se relaciona o afeto e o suicídio. Foi verificado que existe uma relação entre o afeto negativo e o aumento da ideação suicida, e que o afeto positivo age como um fator protetor que reduz os pensamentos negativos (Extremera et al., 2023).

2.1 Evolução do Conceito de Bem-estar Subjetivo

As principais teorias relacionadas com a satisfação com a vida são *top-down* e *bottom-up*. Segundo a teoria a teoria *top-down* o bem-estar é um resultado da forma como os indivíduos percebem e interpretam os acontecimentos da sua vida. As avaliações da satisfação com a vida nos seus vários domínios são consequências e não as causas que levam ao bem-estar subjetivo. Já na teoria *bottom-up* defende que a satisfação com a vida ocorre quando as necessidades do indivíduo são satisfeitas, e está relacionada com fatores externos (Kuykendall et al., 2015). Durante a evolução do conceito de bem-estar, ele esteve ligado à procura da felicidade, o que deu origem a duas teorias diferentes: a eudaimónica e a hedónica. Na perspetiva do bem-estar

eudaimônico, a felicidade obtém-se com o desenvolvimento pessoal, levando uma vida significativa e procurando a autorrealização. Por outro lado, na perspectiva hedônica atinge-se a felicidade, com ações que tenham como propósito a procura de prazer e a fuga à dor ou ao desconforto. (Giuntoli et al., 2021). Destas duas orientações, a hedônica é aquela que mais se aproxima do conceito de bem-estar subjetivo atual, pois está relacionada tanto com as apreciações que os indivíduos têm das suas vidas (satisfação com a vida) como com a procura de emoções positivas (afeto positivo) e a diminuição das emoções negativas (ou afeto negativo) (Bojanowska & Urbńska, 2021)

2.2 Preditores de bem-estar subjetivo

São considerados bons preditores de bem-estar subjetivo, uma alta satisfação com a vida combinada com altos níveis de afeto positivo e baixos níveis de efeito negativo. Algumas características de personalidade também influenciam tanto o afeto como a satisfação com a vida (Anglim et al., 2020). O bem-estar subjetivo pode também ser influenciado por fatores relacionados com o contexto onde os indivíduos estão inseridos. As investigações mais recentes têm vindo a apoiar a hipótese de que as pessoas possuem necessidades básicas tanto fisiológicas como psicológicas que quando são satisfeitas apresentam um aumento do bem-estar subjetivo. Estes estudos defendem que os indivíduos que vêem as suas necessidades básicas preenchidas apresentam uma maior satisfação com a vida do que os indivíduos onde isto não acontece, e por isso, o seu bem-estar subjetivo aumenta. Outros estudos, referem que mais de 50% dos fatores preditores do bem-estar são hereditários, embora também defendam a importância de outros fatores como os efeitos ambientais (Diener et al., 2018). Eventos de vida, como situações de incapacidade física ou a morte de uma pessoa próxima por exemplo, estão relacionados com a diminuição do bem-estar subjetivo a longo prazo. Estes resultados, reforçam a importância dos fatores contextuais dos indivíduos na influência bem-estar subjetivo e de que como ele pode ser alterado de acordo com as circunstâncias da vida dos sujeitos (Heidemeier & Göritz, 2016) Este é um fator que pode também fornecer informações sobre a qualidade de vida nas pessoas em sociedade, e que pode ajudar a criar mais e melhores estratégias políticas e sociais que possam melhorar a qualidade de vida dos indivíduos (Diener et al., 2015).

2.3 Associação Entre o Bem-Estar e a Personalidade

Vários estudos defendem que os níveis de bem-estar estão associados tanto às características pessoais dos indivíduos como ao seu ajustamento psicológico. E cada vez mais, a comunidade científica tem tentado perceber como se relacionam a componente emocional, as diferenças individuais e o bem-estar subjetivo (Grosse et al., 2020). Sabe-se que várias características da personalidade podem estar associadas ao bem-estar subjetivo. Os traços de personalidade, por exemplo, além de manifestarem as tendências de comportamento dos indivíduos, estão diretamente ligados ao seu funcionamento emocional (Bojanowska & Urbańska, 2021). Os cinco grandes traços de personalidade são considerados bons preditores do bem-estar afetivo, no entanto ainda não é completamente conhecido como eles contribuem para o afeto positivo e negativo dos indivíduos (Baselmans et al., 2019). Alguns traços de personalidade já foram também correlacionados com as três dimensões do bem-estar subjetivo. O traço de extroversão foi correlacionado com afeto positivo, a conscienciosidade com a satisfação com a vida e o baixo neuroticismo com baixo afeto negativo (Anglim et al., 2020). As várias combinações das pontuações dos traços de personalidade podem influenciar de forma diferente o bem-estar. Por exemplo, a extroversão desempenha um papel importante na promoção do afeto positivo, enquanto o traço de neuroticismo está mais presente no afeto negativo. Estes dois traços atuam de forma direta no bem-estar. As pessoas com maior nível de extroversão, amabilidade, conscienciosidade e menor neuroticismo são emocionalmente mais estáveis e tendem a ter também uma maior satisfação com a vida e afeto positivo, ao longo do tempo (Soto, 2015). Vários estudos indicam que os indivíduos com maior nível de extroversão tendem a ter um maior afeto positivo e a experienciar mais situações como positivas. São mais felizes, menos ansiosos e preocupados do que os indivíduos com maior nível de neuroticismo, que reagem mais intensamente a eventos negativos e por isso apresentam um maior nível afeto negativo (Strickhouser, et al., 2017).

Apesar de terem um impacto menor da predição do bem-estar subjetivo a amabilidade, conscienciosidade e abertura à experiência podem ter uma importante relação com alguns aspetos no bem-estar psicológico do indivíduo. Esta ligação é ainda pouco conhecida e tem de ser ainda melhor definida. (Sun, et al., 2018). Alguns estudos indicam que os traços de abertura a experiência, amabilidade e conscienciosidade apresentam relações mais fracas do que os outros

traços de personalidade e que, têm sobretudo efeitos instrumentais sobre o bem-estar subjetivo. Os efeitos instrumentais significam que as características destes traços têm efeitos indiretos sobre o bem-estar subjetivo através do comportamento e das recompensas ambientais obtidas. Estes três traços têm um efeito menos rígido do que a extroversão e o neuroticismo e agem de forma flexível no impacto do bem estar afetivo pois variam de acordo com as características da vida do sujeito (Smits & Boeck, 2006). Além disso, estes traços parecem desempenhar efeitos mediadores, influenciando como os indivíduos percebem o mundo à sua volta e as suas experiências. A abertura à experiência está também associada a um maior bem-estar subjetivo nas relações interpessoais, pois conseguem facilmente integrar opiniões diferentes das suas e, por isso, conseguem reduzir o conflito com os outros (Matz, 2021). De todos os traços a abertura à experiência foi a que apresentou uma relação mais fraca com o bem-estar subjetivo e por isso é o traço que apresentou resultados menos claros. Uma alta abertura à experiência está associada a emoções fortes que podem ser tanto positivas como negativas (Joshani, 2023).

Em relação à satisfação com a vida, os cinco traços de personalidade também têm mostrado ter uma grande influência. Sobretudo para os indivíduos com elevada extroversão, e conscienciosidade e baixo neuroticismo. Apesar de amabilidade e a abertura à experiência também se mostrarem positivamente correlacionadas (Connolly & Seva, 2021).

2.4 Bem-estar Subjetivo e a Amabilidade e Conscienciosidade

Os traços de amabilidade e de conscienciosidade têm se mostrado fortemente relacionados com um maior nível de afeto positivo e menor nível afeto negativo em vários estudos (Komulainen et al., 2014). Os indivíduos com maior amabilidade conseguem manter um maior afeto positivo, pois normalmente mantêm boas relações com os outros, o que os ajuda a ultrapassar os efeitos das experiências negativas conseguindo manter o seu bem-estar subjetivo. O que não acontece com os indivíduos com menor amabilidade (Strickhouser et al., 2017). As investigações mais recentes, sugerem que isto pode acontecer porque a amabilidade poder estar relacionada com uma maior capacidade de autorregulação emocional. Assim, esta característica leva a uma maior capacidade de gerir as suas próprias emoções e de conseguirem adaptar-se as situações que vão acontecendo no dia-a-dia. (Bresin & Robinson, 2015). No caso do traço de conscienciosidade, a sua ligação ao bem-estar subjetivo esta ligada à tendência para cumprir

objetivos no dia-a-dia, o que ajuda ao aumento da satisfação com a vida, e dessa forma acaba também aumentar o seu afeto positivo (Pickett et al., 2020)

3 Dimensões culturais de Hofstede

A cultura segundo Hofstede, pode ser definida como “os padrões de comportamento apreendidos e que são transmitidos através normas, valores pessoais, atitudes e processos cognitivos.” Estes padrões são partilhados pelo indivíduos e são apreendidos através do ambiente em que estão inseridos (Simha et al., 2020). Estes padrões de comportamento compreendem vários aspetos da vida dos indivíduos e podem ser divididos em 4 substratos com graus de importância diferentes. Os valores são considerados o fator mais importantes da cultura e são transmitidos pelo contexto onde os indivíduos estão inseridos, e com as interações com os outros. Eles são partilhados pela maioria dos membros dessa cultura. São exemplos de valores culturais: a igualdade de direitos ou a solidariedade. Os rituais são outro substrato importante, que corresponde aos comportamentos ou atividades que fazem parte da identidade cultural como: casamentos, funerais, entre outros. Os heróis, são um substrato menos importante que os valores e os rituais, e são formados pelas figuras importantes, que podem ser reais ou não, como reis e rainhas, ou figuras públicas importantes de cada cultura. Por fim, o último substrato são os símbolos, que a cultura identifica como seus, e que podem ser: monumentos históricos, bandeira de um país ou pratos típicos de um país ou região (Hofstede-insights, 2022). Além das camadas ou substratos que compõe a cultura existem 6 dimensões que ajudam a caracterizar a cultura. Estas dimensões foram definidas através de um estudo feito por Hofstede em mais de 40 países, através da análise de dados organizacionais. Com esta pesquisa foram identificadas no início quatro dimensões: distância ao poder, evitação à incerteza, o individualismo e masculinidade e mais tarde foram reconhecidas mais duas dimensões, a orientação a longo prazo e a indulgência. Cada país, tendo culturas com características distintas, acaba também por se posicionar de forma diferente em cada uma das dimensões (Hofstede, 2011). A avaliação da pontuação de cada uma das dimensões é feita numa escala de 0 a 100, e de acordo com a pontuação obtida, é possível perceber melhor as características das várias culturas nacionais, e identificar as suas semelhanças e diferenças (Hofstede-insights, 2022).

3.1 Individualismo

A dimensão do individualismo vs coletivismo é das mais estudadas em vários contextos. Esta dimensão refere-se a forma como os indivíduos se relacionam entre si. No caso das culturas individualistas, cada indivíduo, estabelece relações principalmente com os familiares e amigos que lhe são mais próximos e preocupam-se principalmente consigo e com as suas conquistas. Nas culturas coletivistas, as relações entre indivíduos são mais abrangentes e os seus comportamentos têm como objetivo o bem-estar do grupo (família, amigos e dos membros da sociedade) para que haja harmonia e lealdade entre os membros (Simha & Parboteeah, 2020). Nas culturas individualistas como o grupo exerce menos influência sobre o indivíduo, há mais respeito pela individualidade de cada um e pela propriedade privada, enquanto nas culturas coletivistas, é mais importante os bens devem ser partilhados. As leis e os direitos também são aplicados de forma diferente, nas culturas individualistas e coletivistas. Nas culturas mais individualistas, deve existir a igualdade de direitos e respeito pela privacidade de cada indivíduo, enquanto nas culturas mais coletivistas os direitos podem variar de grupo para grupo e existe menos respeito pela privacidade. Nas culturas coletivistas, os indivíduos costumam apresentar um nível de introversão mais elevado e nas culturas individualistas um nível mais elevado de extroversão (Hofstede et al., 2010)

3.2 Distância ao Poder

A distância ao poder mede a forma com que o poder está distribuído dentro da sociedade. Ou seja, se existe maior ou menor desigualdade social, e como a sociedade aceita ou não essas diferenças na distribuição de poder e privilégios entre os seus membros (Guimond et al., 2007). Nas culturas com alta distância ao poder os sujeitos aceitam mais facilmente que existe uma ordem hierárquica na sociedade onde todos têm um lugar. Além disso, os indivíduos que pertencem a um estatuto hierárquico mais baixo esperam ser orientados, sobre como se devem comportar ou agir pelos indivíduos que pertencem a um estatuto superior. Quando existe uma baixa distância ao poder, as pessoas tentam igualar a distribuição de poderes entre todos os membros e quando isto não acontece, procuram perceber o motivo destas desigualdades (Paulus et al., 2005). A forma como é demonstrado ou não o poder, é vista de forma diferente nas culturas com alta ou baixa distância ao poder. Nas culturas com alta distância ao poder, ostentar ou demonstrar o poder é visto com normalidade. Já nas culturas com baixa distancia ao poder, isso é

visto como algo negativo e que deve ser evitado. (Hofstede et al., 2010) Existe também mais corrupção e os governos são mais autoritários nas culturas com alta distância ao poder do que com baixa distância ao poder. A distribuição dos poderes não afeta só a forma como o poder é distribuído, ou visto pelos membros dentro daquela sociedade, mas também as suas relações sociais (Hofstede, 2011). Nas escolas, das sociedades em que existe uma cultura de alta distância ao poder as crianças são ensinadas a obedecer aos pais e aos mais velhos e costumam tratar dos seus próprios pais na velhice. O que não acontece nos países com uma pequena distância ao poder (Hofstede et al., 2010)

3.3 Evitação à incerteza

A evitação à incerteza está ligada à forma como a sociedade se comporta em relação ao futuro e ao desconhecido. Numa cultura com uma forte evitação à incerteza os indivíduos tendem a sentir mais stress e ansiedade e vêem a incerteza como algo que deva ser evitado e encarado com receio (Hofstede-insights, 2022). Os indivíduos nas sociedades com uma cultura de forte aversão à incerteza tendem a ter uma necessidade emocional de existência de regras mesmo que elas não funcionem bem. E também de estarem ocupados a trabalhar arduamente. Já nas culturas de fraca aversão à incerteza, os indivíduos vêem as regras e o trabalho árduo como algo que só deve existir se for realmente necessário. Nas culturas com uma fraca aversão à incerteza, existe menos ansiedade e stress nos indivíduos, e a incerteza é vista como algo normal. Isto faz com que eles se sintam mais felizes (Hofstede, 2011). A vida familiar, é vivida de forma mais descontraída, e preocupam-se menos com dinheiro e saúde, ao contrário das culturas com forte aversão à incerteza. Nas culturas com fraca aversão, existe também uma rápida aceitação do tudo o que é relacionado com as novas tecnologias, e são onde surgem mais rapidamente novas marcas e novos produtos. As culturas com forte aversão à incerteza, tendem a ter mais resistência e a demorar mais tempo para aceitar novas tecnologias. Os indivíduos nas sociedades com uma cultura com fraca ou forte aversão à incerteza também fazem investimentos de forma diferente. Nas culturas com forte aversão à incerteza, os investimentos são normalmente de risco, e nas culturas com fraca aversão, os seus investimentos são mais conservadores e menos arriscados. A nível organizacional também existem diferenças entre as culturas. Nas culturas de fraca aversão os trabalhadores costumam passar menos tempo no mesmo emprego, os gestores estão mais preocupados com o processo de decisão da empresa enquanto numa cultura de forte aversão os

indivíduos costumam trabalhar muitos anos no mesmo emprego e os gestores preocupam-se mais com operações feitas no dia a dia da empresa (Hofstede et al., 2010).

3.4 Masculinidade ou Motivação para a realização e o sucesso (MRS)

Esta dimensão teve recentemente uma alteração na designação de masculinidade/feminilidade para alta motivação para a realização e sucesso /baixa motivação para a realização e sucesso. A dimensão masculinidade/motivação para a realização e o sucesso está associada aos valores da cultura. As culturas que se posicionam no pólo com baixa masculinidade ou baixa MRS são consideradas culturas femininas que defendem valores de maior cuidado com o outro (que são normalmente associados ao papel do género feminino) e as culturas com alta masculinidade ou alta MRS culturas que defendem valores de alta competitividade e assertividade (que são normalmente associados ao papel de género masculino) (Hofstede-insights, 2022). Os papéis de género, são apreendidos através da socialização e sua aprendizagem começa logo na infância sobretudo com a família (Simha & Parboteeah, 2020).

Nos países com culturas femininas (baixa MRS) tanto os homens como as mulheres partilham as preocupações do quotidiano com os filhos e a casa, enquanto nas culturas masculinas (alta MRS) existe diferenças entre os comportamentos de homens e mulheres. As mulheres devem preocupar-se em tomar conta da casa e dos filhos, e os homens em trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a casa. A nível das organizações também existem diferenças nos dois pólos desta dimensão. Nas culturas masculinas (alta MRS) os indivíduos costumam preferir trabalhar em empresas maiores, e optam por ter mais dinheiro em vez de tempo de lazer. Nas culturas femininas (baixa MRS) os indivíduos preferem o oposto. (Hofstede et al., 2010). As crenças religiosas são vividas de forma diferente pelos indivíduos, que estão inseridos numa cultura feminina ou masculina. Nas culturas femininas (baixa MRS) as principais religiões não distinguem os papéis de género enquanto nas culturas masculinas, atribuem aos homens um papel dominante em relação às mulheres e defendem que o sexo deve ter apenas a finalidade da reprodução. Na distribuição do poder político também existem diferenças, existindo um maior número de mulheres eleitas para ocuparem lugares políticos nas culturas femininas (baixa MRS), do que nas culturas masculinas (alta MRS) (Hofstede, 2011).

3.5 Orientação a Longo Prazo

Esta dimensão está relacionada com a forma como as culturas olham para o futuro. Nos dois pólos desta dimensão, temos de um lado as culturas com baixa orientação a longo prazo onde é valorizado o passado e o presente e nas culturas com alta orientação a longo prazo onde o principal foco é o futuro (Hofstede et al., 2010). As culturas que tem uma pontuação baixa nesta dimensão caracterizam-se por zelar pelas suas tradições e normas, e vêem as mudanças que ocorrem a nível social com receio. Já as sociedades que pontuam alto nesta dimensão tendem a ser mais práticas. Além disso tendem a esforçarem-se mais para que na educação, sejam transmitidos conteúdos de forma atual para que os indivíduos sejam mais bem preparados para o futuro (Hofstede-insights, 2022). As culturas asiáticas apresentam uma pontuação mais elevada nesta dimensão do que as culturas europeias (Hofstede et al., 2010)

3.6 Indulgência

A indulgência ou contenção é a dimensão cultural que avalia como as sociedades permitem ou não que os indivíduos possam recompensar livremente os seus impulsos relacionados com o lazer e o prazer (Hofstede-insights, 2022). As culturas com elevada indulgência, caracterizam-se por possuírem um maior número de pessoas, que se sentem mais felizes, e são menos limitadas pela disciplina moral. Neste tipo de cultura, os indivíduos dão maior importância ao lazer e aos amigos e costumam sentir maior controlo das suas vidas, centram-se mais no presente e lembram-se com mais facilidade de emoções positivas. São também mais extrovertidas. Nas culturas com menor indulgência, os indivíduos costumam apresentar maior nível de pessimismo, existe menor consumo de bebidas alcoólicas e nos países mais ricos com este tipo de cultura há menos pessoas obesas (Hofstede et al., 2000). Esta foi a última dimensão a ser formulada e tem se mostrado bastante importante para o estudo do marketing e do comportamento do consumidor. Além disso, um elevado nível de indulgência está também relacionado com uma maior taxa de natalidade e elevado consumismo (Heydari et al., 2021)

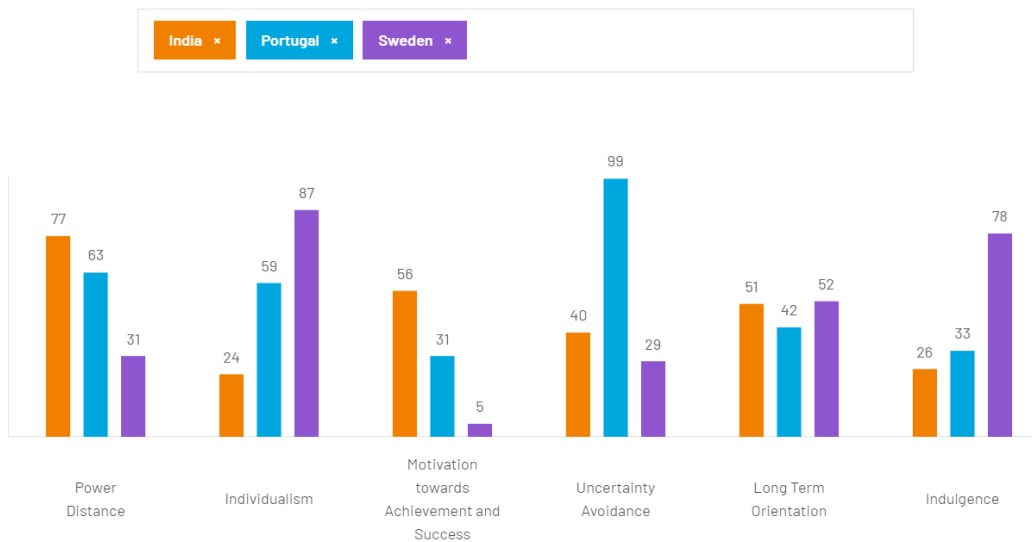
3.7 Dimensões Culturais Portugal, Índia e Suécia.

Para tentarmos perceber melhor quais as características culturais dos três países em estudo, analisaremos em seguida de forma mais aprofundada, as suas culturas, de acordo com as dimensões de Hofstede (**Fig.1**). Com esta análise vamos tentar perceber, se os traços culturais

entre os países, podem ajudar a perceber as diferenças no comportamento das suas populações e se podem também explicar diferenças no bem-estar afetivo. A figura seguinte compara o valor de cada traço cultural nas três amostras.

Fig 1

Distribuição das dimensões culturais na Índia, Portugal e Suécia



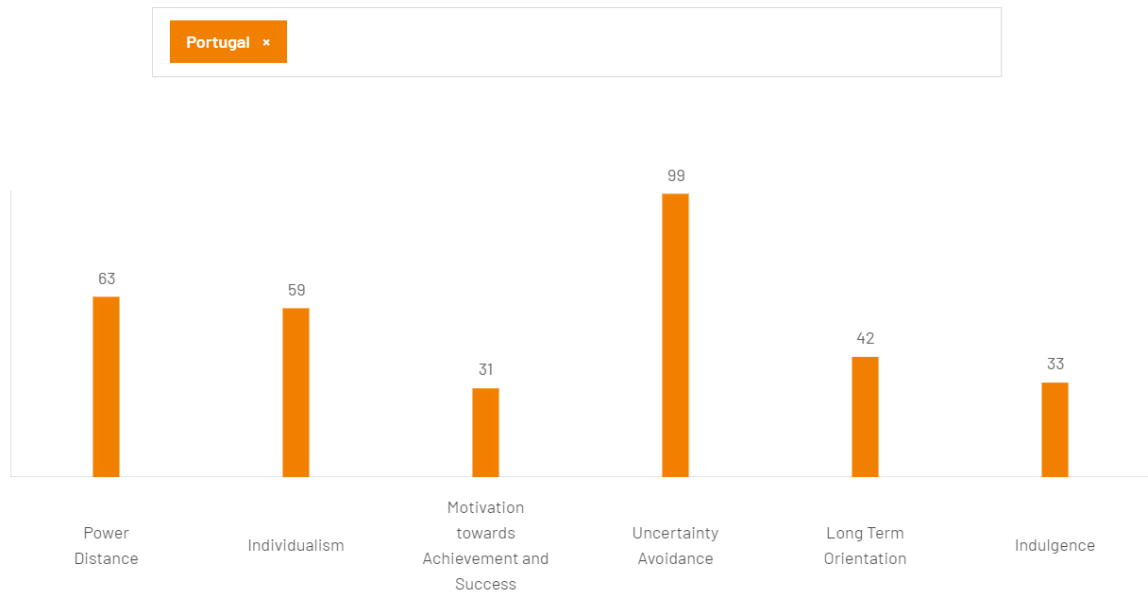
Nota: Adaptado por, Hofstede-insights, 2024 <https://www.hofstede-insights.com/country-comparison-tool?countries=india%2Cportugal%2Csweden>

Na distribuição dos traços/dimensões culturais na população portuguesa (**Fig. 2**) as dimensões de evitação à incerteza e distância ao poder apresentam as maiores pontuações, e nas restantes dimensões, os resultados são mais baixos mas próximos entre si. Com 99 pontos no traço de evitação à incerteza, a cultura portuguesa apresenta uma posição bem assinalada. A maioria da população, gosta de manter as suas tradições, e tendem a ser pouco tolerantes com novas ideias e comportamentos, que vão contra o que é considerado a norma pela sociedade. A dimensão de distância ao poder, também apresenta uma elevada pontuação com 63 pontos. Sendo uma cultura com grande distância ao poder, podemos concluir que a população aceita que haja uma distribuição desigual de recursos e poderes entre os seus membros. No traço de

individualismo, Portugal tem subido posições nos últimos anos, e apresenta atualmente uma pontuação de 59 pontos. Embora ainda seja uma pontuação que possa ser considerada moderada, já apresenta características de culturas mais individualistas, em que o principal foco é o cuidado das necessidades individuais. Na orientação a longo prazo, Portugal tem uma pontuação de 42 pontos, e é o país em estudo com uma pontuação mais reduzida. Revelando que existe uma necessidade emocional da existência regras, e o sentimento de segurança é um elemento muito importante para a população. Na dimensão de indulgência, a cultura portuguesa apresenta uma pontuação de 33 pontos. Esta pontuação indica que as pessoas sentem que as suas necessidades são limitadas. A pontuação reduzida na liberdade para suprimir as suas necessidades, acaba também por confirmar a posição que Portugal obtém na evitação á incerteza. Ao tentarem seguir os costumes e as regras já estabelecidas, as necessidades dos próprios indivíduos acabam por ser limitadas para "pertencer" ao padrões culturais da sua cultura. Por fim, Portugal apresenta uma baixa motivação para a realização e o sucesso (ou alta feminilidade). Com 31 pontos nesta dimensão, a cultura portuguesa valoriza principalmente o cuidado com os outros e a preocupação com a qualidade de vida (Hofstede-insights, 2022)

Fig 2

Distribuição das dimensões culturais em Portugal



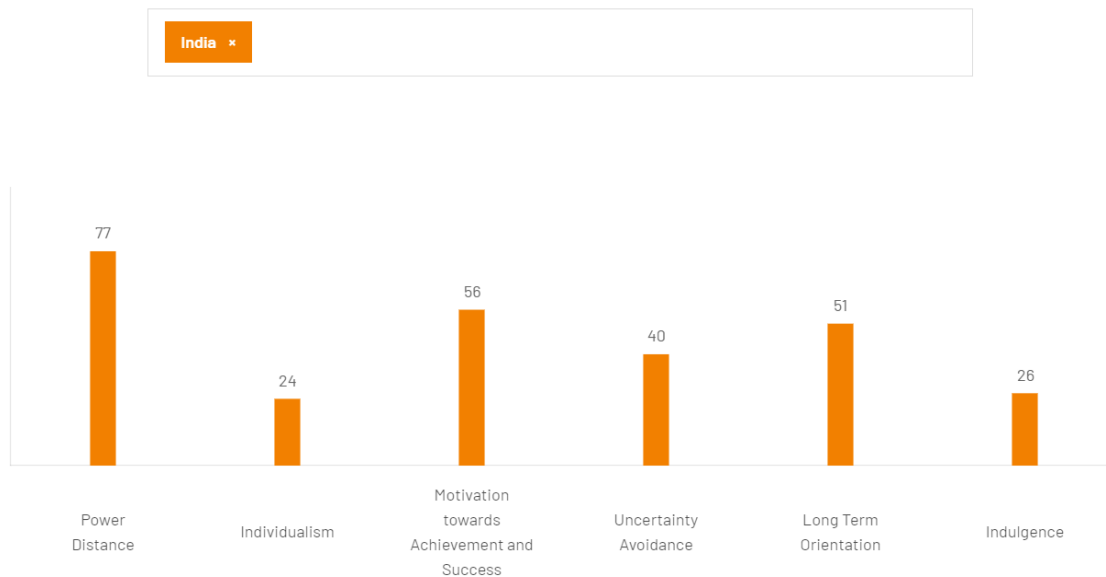
Nota: Adaptado por, Hofstede-insights, 2024 <https://www.hofstede-insights.com/country-comparison-tool?countries=portugal>

Tal como Portugal, a Índia (**Fig. 3**) apresenta uma elevada distância ao poder com 77 pontos. É o país onde esta dimensão tem uma posição mais elevada, e indica que é também a cultura onde há uma maior aceitação da população das desigualdades sociais. Em relação à masculinidade (MRS), a cultura indiana apresenta pontuação moderadamente elevada, sendo por isso considerada uma cultura masculina, com 56 pontos. Neste caso, os indivíduos têm uma alta motivação para cumprir os seus objetivos e lutarem para atingir o sucesso. Na dimensão de orientação a longo prazo a cultura indiana obteve a pontuação de 51 pontos, o que coloca esta cultura numa posição intermédia, e apresenta por isso, características dos dois pólos. A Índia, apresenta uma baixa evitação à incerteza, com 40 pontos, o que caracteriza esta cultura, por não seguirem as regras à risca e tentarem adapta-las para que seja úteis aos seus membros. A Índia apresenta também, uma baixa pontuação na dimensão de indulgência com 26 pontos. Nas culturas, com este tipo de traço cultural, os indivíduos costumam sentir que o seu comportamento

é restringido pelas normas sociais. Além disso, os indivíduos costumam apresentar baixo nível de otimismo. Por fim, apresenta uma pontuação de 24 pontos na dimensão do individualismo sendo, por isso, uma cultura coletivista (Hofstede-insights, 2022).

Fig.3

Distribuição das dimensões culturais na Índia



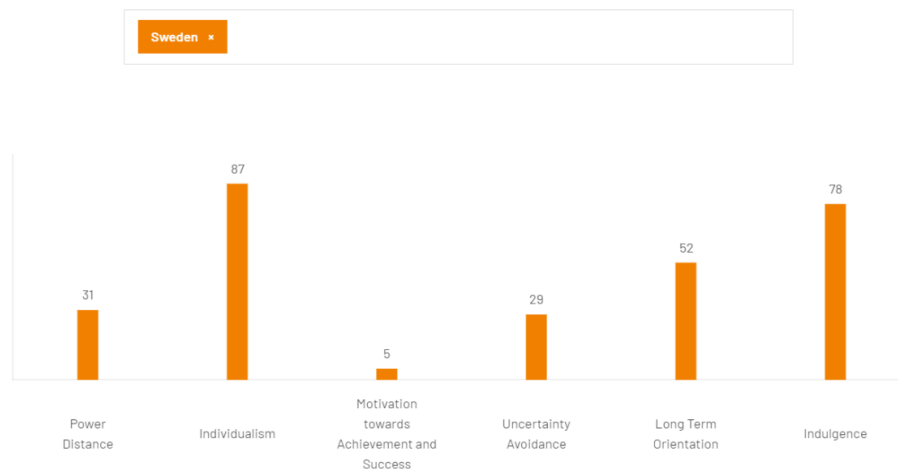
Nota: Adaptado por, Hofstede-insights, 2024 <https://www.hofstede-insights.com/country-comparison-tool?countries=india>

Em oposição às características culturais referidas anteriormente, a Suécia apresenta pontuações diferentes comparadas com os países anteriores (**Fig 4**). A dimensão que apresenta uma maior pontuação é no individualismo com 87 pontos, neste tipo de culturas cada indivíduo tende a olhar por si e para o que é necessário para os seus objetivos ao contrário da posição indiana que apresenta uma cultura coletivista. A segunda dimensão com cultura mais elevada é a indulgência com 71 pontos, ou seja, é uma cultura em que existe uma maior atitude positiva e otimista. Na orientação a longo prazo, a Suécia tem uma pontuação com 52 pontos que é considerada uma pontuação intermédia, semelhante à cultura indiana. Na dimensão de distância ao poder, ao contrário dos países anteriores, apresenta uma pontuação baixa com 31 pontos. Isto

significa que nesta cultura, o poder não está centralizado e espera-se que haja igualdade nos direitos entre todos os membros, ao contrário das culturas anteriores. A Suécia tem também uma baixa pontuação na evitação à incerteza 29 pontos. As pessoas acreditam que as regras devem ser funcionais e que apenas devem ser cumpridas quando é necessário. Em relação à dimensão masculinidade (MRS) apresenta uma pontuação de 5 pontos, e por isso, é considerada uma cultura feminina. Os indivíduos nestes tipo de cultura dão valor a qualidade de vida e não à competição ou ao sucesso. (Hofstede-insights, 2022).

Fig. 4

Distribuição das dimensões culturais na Suécia



Nota: Adaptado por, Hofstede-insights, 2024 <https://www.hofstede-insights.com/country-comparison-tool?countries=sweden>

4. Associação Entre Personalidade e Bem-Estar em Culturas Diferentes

Além dos traços de personalidade, existe uma componente bastante importante que influencia o bem-estar subjetivo que é a cultura. Hoje em dia, vários estudos revelam que o tipo de culturas onde os indivíduos se inserem é um fator importante, no ajustamento dos indivíduos e

no seu bem-estar subjetivo. Por isso cada vez mais estudos, têm referenciado que é importante ter em conta, a influência da cultura nas atitudes e nos comportamentos dos indivíduos. (Chen & Zeng, 2021).

Os indivíduos podem ter características semelhantes à sua cultura ou pelo contrário, estarem num meio com características muito diferentes das suas, o que pode influenciar um maior ou menor bem-estar (Gebauer, et al., 2020). Torna-se importante, poder analisar como as diferenças individuais e como os diferentes traços de personalidade podem ou não influenciar o bem-estar subjetivo dos indivíduos em culturas com traços culturais diferentes dos seus (De Mooij, & Hofstede 2011). O traço de amabilidade por exemplo, tem uma importante componente no relacionamento interpessoal e parece ser mais importante nas culturas coletivistas do que nas culturas individualistas. O traço de conscienciosidade que está relacionada com o cumprimento de normas sociais, também tem um importante papel nas características pessoais do sujeito e de como segue ou não as normas da cultura em que esta inserido (Zhang & Tsingan, 2014). Como já foi referido anteriormente, o bem-estar subjetivo pode ser dividido numa dimensão afetiva e cognitiva. As duas dimensões são afetadas pela personalidade. Para poder perceber melhor como este mecanismo funciona, e o papel da cultura no bem-estar, foi desenvolvido um estudo que envolveu várias culturas, onde os participantes responderam ao questionário NEO-PI-R e um inquérito de satisfação com a vida. Segundo os resultados deste estudo os autores, chegaram ao modelo Intergrador Mediador Moderador, que defende que a personalidade influencia a dimensão afetiva do bem-estar e a satisfação com a vida, que por sua vez, é moderada pela cultura. Chegaram também a conclusão que os fatores genéticos e culturais, influenciam-se mutuamente (Schimmack et al., 2002).

Através das características estudadas por Hofstede os investigadores têm tentado perceber como as características da cultura em que os sujeitos estão inseridos pode ou não ser um fator, que pode influenciar mais um ou outro traço de personalidade e tentado criar uma descrição para o tipo de cultura e de dominância nos traços de personalidade de cada país. Para facilitar a investigação em primeiro lugar os investigadores tentam estudar as características culturais dos países (nível mais abrangente) para depois passarem a analisar os indivíduos de cada cultura (a um nível mais restrito) (Gibson& Steinberg, 2016). Dentro destas investigações têm surgido várias informações de como a cultura pode ou não potenciar alguns traços de personalidade.

Outras conclusões a que os investigadores têm chegado ao comparar características das dimensões de Hofstede com traços de personalidade, é de que em países com maior distância ao poder a maioria dos indivíduos apresenta também maior nível de amabilidade e os seus comportamentos revelam sobretudo alta conformidade com as características da cultura em que estão inseridos (Krishnan, 2017). E que em culturas com maior dimensão de masculinidade a maioria dos indivíduos apresentam uma elevada pontuação no traço de conscienciosidade (Gibson & Steinberg, 2016). Alguns destes estudos demonstraram também que existe uma relação positiva entre a orientação hedónica e a felicidade nas culturas mais individualistas (Chen & Zeng, 2021).

Método

Neste estudo procurou-se responder à questão: Será que a associação entre traços de personalidade e o bem-estar emocional é significativamente diferente em função do contexto cultural em que os indivíduos se inserem? Para o efeito foi desenvolvido um estudo associativo, transversal e transcultural, comparando a associação entre os traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e as dimensões de afeto positivo e negativo do bem-estar subjetivo em três países com características culturais distintas. Assim, foram recolhidos dados em Portugal, na Índia e na Suécia e serão analisadas a associação e as diferenças na associação entre os traços de amabilidade e conscienciosidade e o afeto positivo e negativo entre três países com diferentes culturas.

Objetivos

Neste estudo, pretende-se analisar as variáveis conscienciosidade e amabilidade (dois dos cinco traços pertencentes ao modelo dos cinco grandes traços de personalidade) e a sua relação com as dimensões emocionais do bem-estar subjetivo (Afeto Positivo e Afeto Negativo) em diferentes culturas, designadamente com níveis de distância ao poder e masculinidade-feminilidade (alto e baixo MRS) distintos. Os seguintes objetivos específicos consistem em (1) Analisar como variam os níveis de amabilidade, conscienciosidade e bem-estar entre países de diferentes culturas; (2) Analisar a relação entre os traços de amabilidade e conscienciosidade e o bem-estar emocional; (3) Comparar a relação entre os traços de personalidade e o bem-estar emocional em função dos traços culturais de cada país.

De acordo com a literatura foram colocadas as seguintes hipóteses:

“Hipótese 1 - Em países com níveis de Masculinidade/Motivação para a Realização e o Sucesso (MRS) baixos ou alta feminilidade, a associação entre a conscienciosidade e o bem-estar emocional será mais fraca, comparado com os países de alta MRS. De acordo com os níveis deste traço cultural nos três países, espera-se que esta associação seja mais forte na Índia, do que em Portugal e mais reduzida na Suécia.

Hipótese 2 – Espera-se que a associação entre o traço de amabilidade o bem-estar emocional seja mais forte em países com baixa masculinidade/MRS ou alta feminilidade. De acordo com os níveis deste traço cultural nos três países, espera-se que esta associação seja mais forte na Suécia, seguida de Portugal e mais fraca na Índia.

Hipótese 3 – Em países com uma cultura com maior distância ao poder a associação entre a conscienciosidade e o bem-estar emocional será mais fraca do que em países com menor distância ao poder. De acordo com os níveis culturais de cada país espera-se que esta associação seja mais fraca na Índia, intermédia em Portugal e mais forte na Suécia.

Hipótese 4 – Em países com maior distância ao poder, a associação entre a amabilidade e o bem-estar emocional será mais fraca do que em países com menor distância ao poder. De acordo com os níveis culturais de cada país, espera-se que esta associação seja mais fraca na Índia, intermédia em Portugal e mais forte na Suécia.

Participantes

Os participantes deste estudo são estudantes universitários de vários países. Em Portugal, participaram 541 estudantes de várias universidades de Lisboa com idades entre os 18 e

66. ($M = 23, DP = 0,35$), 56,4% mulheres e 43,6 homens. Na Índia 574 participaram estudantes da Goa University, de Panaji, Margão, e Mapusa, com idade entre 17 e 62 ($M = 20.54$, $SD = 3.36$), 53.5% feminino e 46.5% masculino. E por fim, na Suécia, 551 estudantes da *Mid Sweden University*, com idade entre 18 e 69 anos ($M = 26.8$, $SD = 6.39$), 63.9% feminino e 36.1% masculino. Para Portugal foram usadas escalas em Português, na Suécia foram utilizadas versões traduzidas dos instrumentos e na Índia utilizara-se escalas em inglês.

Instrumentos

PANAS- *Positive and Negative Affect*. Este instrumento consiste num inquérito de 20 itens sobre emoções que os indivíduos sentiram nos últimos dias. São avaliadas duas dimensões: PA (*positive affect*) que pretende analisar o afeto positivo e a que correspondem 10 itens deste instrumento e NA (*negative affect*) que se refere ao afeto negativo e a que correspondem outros 10 itens. Cada item corresponde a um sentimento e é avaliado pelos participantes em uma escala Likert de cinco pontos (“1- nada ou muito ligeiramente”; “2 – um pouco”; “3 – moderadamente”;

“4 – bastante” e “5- extremamente”). Os itens que medem afeto positivo correspondem a: “interessado”, “entusiasmado”, “excitado”, “inspirado”, “determinado”, “orgulhoso”, “ativo”, “encantado”, “caloroso” e “agradavelmente surpreendido”. Em relação aos afetos negativos correspondem aos itens: “perturbado”, “atormetado”, “amedrontado”, “remorso”, “nervoso”, “trêmulo”, “culpado”, “irritado” e “repulsa”. A sua aplicação é feita em dois momentos diferentes. Primeiro pede-se ao participante que preencha este questionário com a frequência com que sentiu estes sentimentos, nas últimas semanas e num segundo momento com a frequência que os sentiu nos últimos dias. (Watson et al., 1988). Em relação à sua consistência interna, a versão portuguesa apresenta um *Alpha de Cronbach* para a escala de afeto positivo da escala original $\alpha=.86$ e na escala de afeto negativo $\alpha=.89$ (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005b). A versão original obteve $\alpha=.88$ na escala de afeto positivo e na escala de afeto negativo $\alpha=.87$ (Watson et al., 1988)

The Big Five Inventory (BFI).

O BFI é um inventário, que permite a avaliação eficaz dos cinco grandes fatores da personalidade. Estes cinco traços são o neuroticismo, extroversão, amabilidade, conscienciosidade e a abertura à experiência. Ele é composto por 44 itens numa escala tipo Likert de 5 pontos que varia entre : 1- “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente”. O participante tem cinco alternativas de resposta possíveis (1 – “discordo totalmente”; 2 – “discordo”; 3 – “não discordo nem concordo”; 4 – “concordo”; 5 – “concordo totalmente”. A versão portuguesa foi validada e adaptada por (Brito-Costa, 2015). Nesta versão, a avaliação da confiabilidade e da estabilidade temporal foi testada através do *Alfa de Cronbach* e da correlação entre a pontuação obtida, no primeiro preenchimento e a pontuação resultante do segundo preenchimento, após 20 dias. A confiabilidade de teste-reteste foi obtida com resultado acima de .7. A versão original (John & Srivastava, 1999) tem uma consistência interna para o traço amabilidade $\alpha=.70$, para o traço extroversão, para conscienciosidade $\alpha=.78$, para o neuroticismo $\alpha=.79$ e por fim $\alpha=.76$ para a abertura à experiência.

Procedimento

Em primeiro lugar, foram pedidas permissões às universidades e aos professores envolvidos para participarem neste estudo. Após ser autorizado, os alunos foram convidados a participarem num estudo sobre bem-estar subjetivo no final das aulas. Foram informados que o preenchimento destes questionários teria uma duração de cerca de 35 minutos. Antes de iniciarem o

preenchimento dos questionários, foram informados sobre as regras de confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos segundo as normas éticas da *American Psychological Association* (APA) Foi dada liberdade aos estudantes para escolher se queriam ou não participar e de responder apenas aos questionários que desejassem. Caso tivessem alguma dúvida sobre a investigação foi também fornecido o e-mail do investigador.

Resultados

Para a análise estatística dos dados foi usado o programa AMOS versão 20 (Arbuckle 2009). Neste estudo foram usados dados de três amostras recolhidos em países diferentes: Portugal, Índia e Suécia. Para fazer a análise estatística, iniciámos com a análise fatorial confirmatória (CFA) de cada medida do estudo, analisando os valores do índice de ajustamento comparativo (CFI) e raiz do erro médio quadrático de aproximação (RMSEA) de cada medida em cada amostra. Começámos por analisar o instrumento PANAS, que mede o afeto positivo e negativo e depois o BFI que mede os traços de personalidade conscienciosidade e amabilidade.

Panas

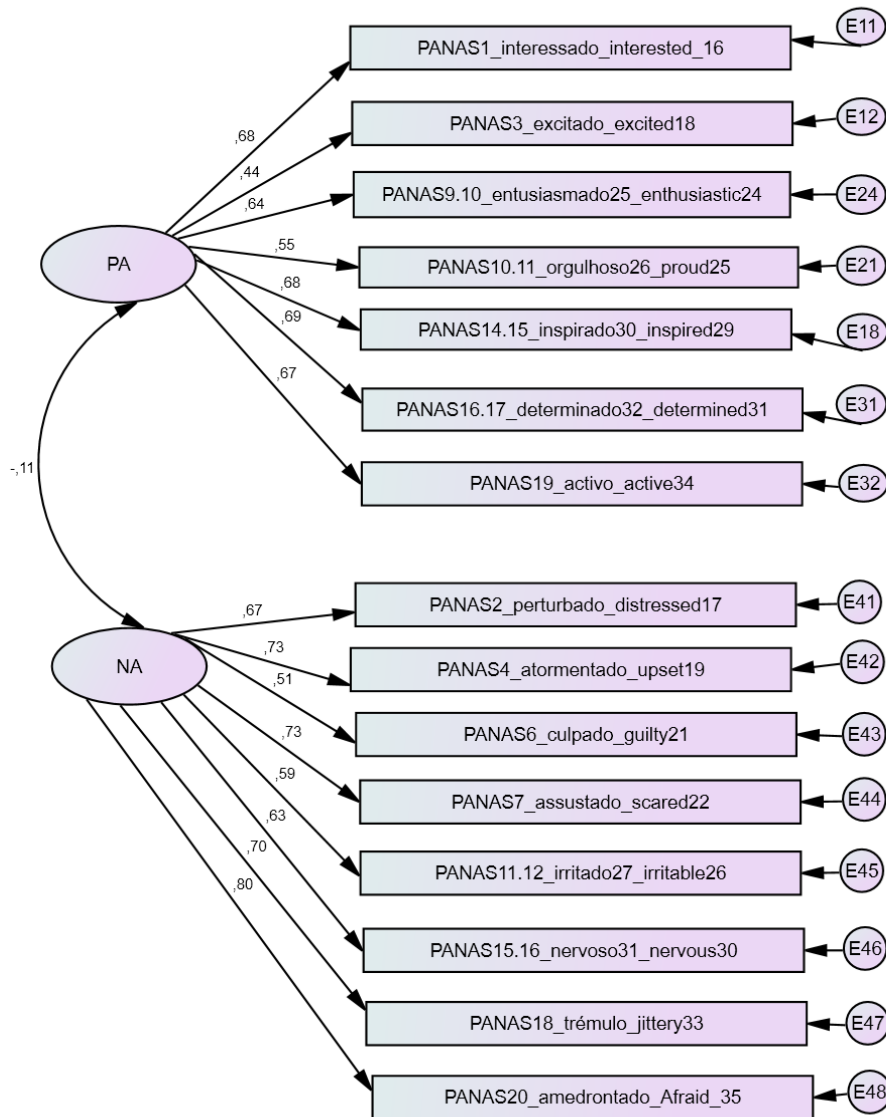
Começamos por fazer a análise fatorial confirmatória e analisar os resultados da variável latente afeto positivo e negativo e retirar todos os itens que apresentavam um valor de regressão inferior a .30, até obtermos um modelo com valor de ajustamento considerado aceitável, ou seja, CFI igual ou maior que .90 e RMSEA menor igual ou inferior a .05.

Em primeiro lugar, foram testados dois modelos de medida com todos os itens de afeto positivo e negativo da escala *PANAS*, em cada amostra, com as versões integrais inglesa e portuguesa do questionário. Os resultados na amostra portuguesa com o modelo integral mostram um ajustamento de $X^2(169)=720$, $p \leq 001$; (CFI =.85; RMSEA =.08), na amostra indiana com a versão inglesa de $X^2(169)=418.8$, $p \leq 001$; (CFI = .88; RMSEA=.05) e na amostra sueca, também com a versão inglesa de $X^2(169)=696.9$; $p \leq .001$; (CFI =.86; RMSEA = .08). Foram depois analisados os pesos de regressão das três amostras para verificar se existiam pesos de regressão inferiores a .30. Esta condição só se verificou na amostra indiana com um valor de regressão de .29 no item “orgulhoso”. No passo seguinte, pretendemos analisar o modelo multigrupo nas três amostras em conjunto. Uma vez que as duas versões utilizadas, em português

e inglês não têm exatamente os mesmos itens por não terem traduções diretas ou equivalentes, foram retirados os itens que não são comuns a ambas as versões, tais com os itens “agradável”, “caloroso” e “encantado” da versão portuguesa e “*alert*”, “*attentive*” e “*strong*” da versão em inglês, que fazem parte da escala de afeto positivo. Pela mesma razão, foram eliminados os itens “repulsa” e “remorsos”, na versão portuguesa e “*hostile*” e “*ashamed*” na versão inglesa, da escala de afeto negativo. Com estes itens foi testado um modelo multigrupo e o ajustamento foi de $X^2(273)=1083,7$ $p \leq 0,001$ (CFI =0.88 ; RMSEA =.04). Os pesos de regressão na amostra portuguesa estavam todos acima de .30 entre .46 com o item “excitado” e .80 com o item “amedrontado”, na amostra indiana estavam entre .28 no item “orgulhoso” e maior valor de regressão com o item “amedrontado” com .80 e na amostra sueca entre .50 com o item “irritado” e .80 com o item “entusiasmado”. Como ainda existiam pesos de regressão inferiores a .30, e para melhorar o valor de ajustamento foram retirados ainda os itens “trémulo”, “orgulhoso” e “excitado” ficando o modelo PANAS com valor de ajustamento $X^2(162)=699$, $p \leq 0,001$ (CFI =0.90 ; RMSEA =.05). Os pesos de regressão na amostra portuguesa (**Fig.5**) variaram entre .53 com o item “culpado” e .76 com o item “amedrontado”, na amostra indiana entre .36 com o item “culpado” e .71 com o item “assustado” e a amostra sueca entre .49 com o item “determinado” e .79 com o item “amedrontado”.

Fig.5

Modelo multigrupo PANAS, amostra portuguesa (valores standarizados)

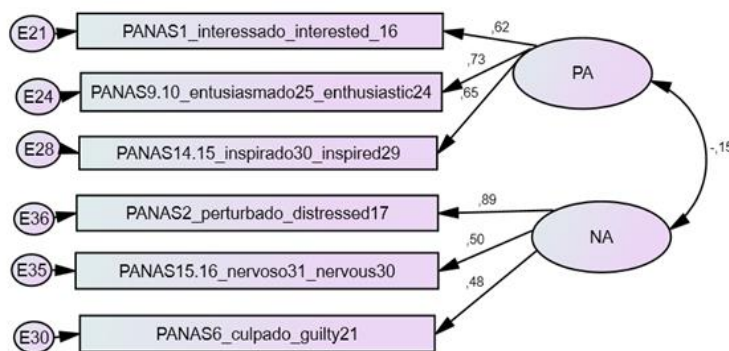


Como o modelo já apresentava um bom valor de ajustamento, passamos ao passo seguinte, para obter a equivalência das medidas PANAS nas três amostras. Para esse efeito, foram excluídos os itens com os pesos de regressão com maior desvio padrão entre as três amostras. Foram retirados nesta etapa os itens “amedrontado”, “atormentado”, “ativo”, “assustado”, “irritado” e “determinado” ficando o modelo não constrangido com valor de ajustamento de $X^2(24) = 20.6$ $p = .662$; (CFI =1.00; RMSEA =.00) e o modelo constrangido obteve valores de $X^2(32) = 33.7$ $p = .385$; (CFI =0.99; RMSEA =.06) atingindo uma diferença de $\Delta X^2(8) = 13.1$ $p = .108$.

Assim, este modelo (**Fig.6**) ficou com três itens em cada dimensão (“interessado”, “entusiasmado” e “inspirado” para o afeto positivo e “perturbado”, “nervoso” e “culpado” para o afeto negativo). E obtivemos a equivalência das medidas nas três amostras, permitindo-nos comparar os valores de regressão entre as variáveis latentes.

Fig.6

Modelo final multigrupo PANAS , amostra portuguesa (valores standarizados)



Análise Fatorial Confirmatória – Traços de Personalidade Amabilidade e Conscienciosidade

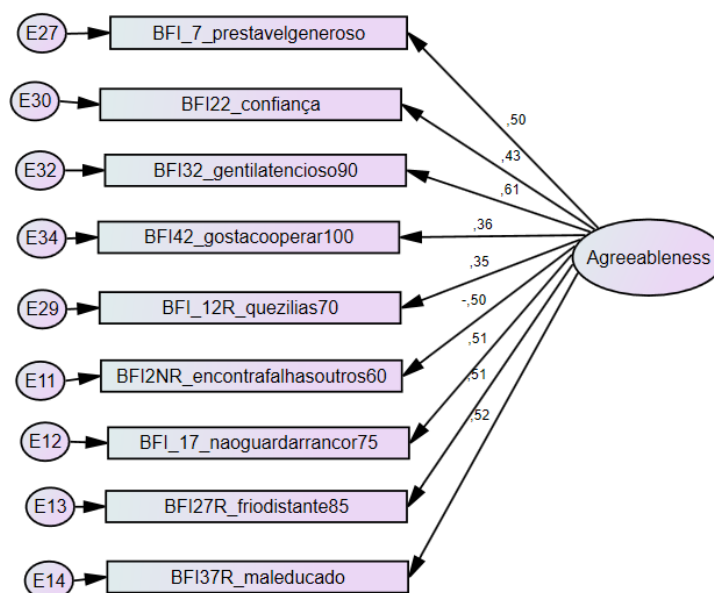
No passo seguinte, foram analisados os resultados obtidos no instrumento **BFI** (*The Big Five Inventory*). Neste estudo, serão analisados dois traços de personalidade: a amabilidade e a conscienciosidade. O procedimento de análise dos dados, foi o mesmo que realizado anteriormente na análise dos dados do instrumento PANAS. Começamos por fazer a análise

fatorial confirmatória e eliminar os itens, com menor peso de regressão, até obtermos um valor de ajustamento considerado aceitável com CFI maior que .90 e RMSEA menor que 0.05. Na etapa seguinte, foram retirados os itens com pesos de regressão com maior desvio padrão entre as três amostras para podermos obter a equivalência das medidas nas três amostras. Começamos por analisar o modelo multigrupo com as três amostras: portuguesa, indiana e sueca com as facetas do traço de personalidade amabilidade. Foi depois repetido o mesmo processo com as facetas do traço conscienciosidade.

Amabilidade. O modelo de medida multigrupo inicial com as três amostras: portuguesa, indiana e sueca obteve o valor de ajustamento de $X^2(81) = 324.8$ $p \leq .001$; (CFI =.84; RMSEA =.04) E o modelo constrangido $X^2(97) = 411.4$ $p \leq .001$; (CFI =.80; RMSEA =.05). Apresentando uma diferença de $\Delta X^2(16) = 86.6$ $p \leq .001$. Em relação aos pesos de regressão, a amostra portuguesa apresentou valores que variaram entre .16 com item “naoaguardarancor” e .65 com item “gentilatencioso”, e a amostra indiana apresentou valores de regressão entre .12 com item “friadistante” a .60 com item “gentilatencioso”. A amostra sueca (**Fig. 7**) não obteve pesos de regressão inferiores a .30. Os seus resultados variaram entre .36 com item “quezílias” e .61 com o item “gentilatencioso”

Fig 7

Modelo multigrupo inicial ,amabilidade livremente estimado, amostra sueca (valores

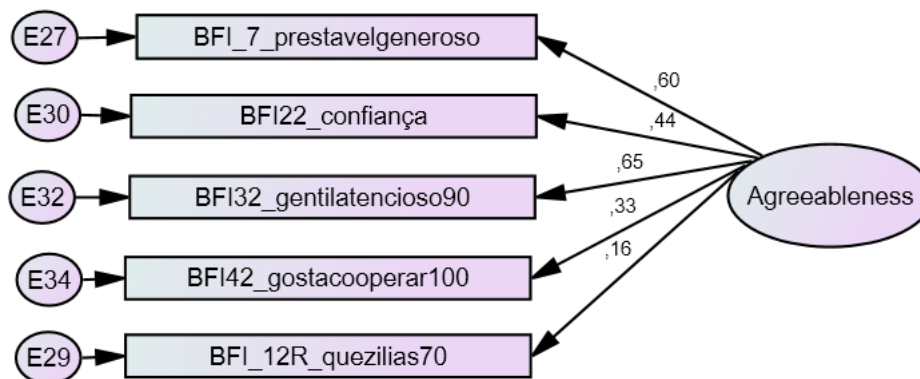


standarizados)

Para melhorar o ajustamento do modelo, foram retirados os itens com peso de regressão inferior a .30 “frioedistante”, “naoguardarancor” e o item “maleducado”. Sem estes itens o modelo multigrupo, obteve um valor de ajustamento de $X^2(27) = 105,7$ $p \leq .001$ (CFI = .91 RMSEA =.04). Como o modelo atingiu um bom valor de ajustamento, o passo seguinte foi obter a equivalência das medidas nas três amostras. Para isso, foram retirados os itens com maior desvio padrão das três amostras . Neste caso foi retirado o item “encontrafalhas” ficando o modelo multigrupo com valor de ajustamento de $X^2(15) = 23,7$ $p = 0.070$ (CFI = .99 RMSEA =.02). O modelo constrangido obteve valores de $X^2(23) = 36,4$ $p = 0.038$ (CFI = .1 RMSEA =.01) e a diferença entre os dois modelos foi de $\Delta X^2(8) = 12,7$ $p = .123$. Assim, o modelo multigrupo de amabilidade (**Fig.8**) ficou com 5 itens : “prestavelgeneroso”, “confiança”, “gentilatencioso” “quezílias” e “gostadecooperar”.

Figura 8

Modelo final multigrupo amabilidade, amostra sueca (valores standarizados)

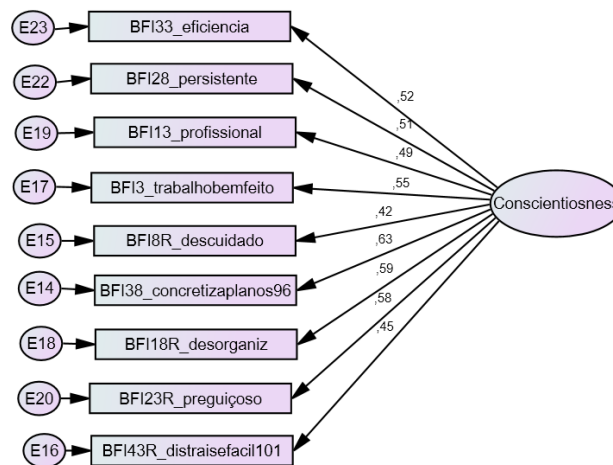


Conscienciosidade. Por último foram analisados os valores obtidos no resultado **BFI** (*The Big Five Inventory*) em relação ao traço conscienciosidade. O valor inicial do modelo multigrupo foi $X^2(81) = 512,6$ $p \leq .001$ (CFI =.83 RMSEA =.06). Os pesos de regressão na

amostra portuguesa variaram entre .47 “concretizaplanos” e valor mais elevado .65 no item “desorganiz”. A amostra da população indiana variou entre .33 no item “descuidado” e .60 item “desorganizado”. Por fim, na amostra sueca (Fig. 9) os valores de regressão variaram entre valores .42 com o item “descuidado” e .63 “concretizaplanos”.

Fig.9

Modelo multigrupo inicial, conscienciosidade livremente estimado , amostra sueca (valores standarizados)

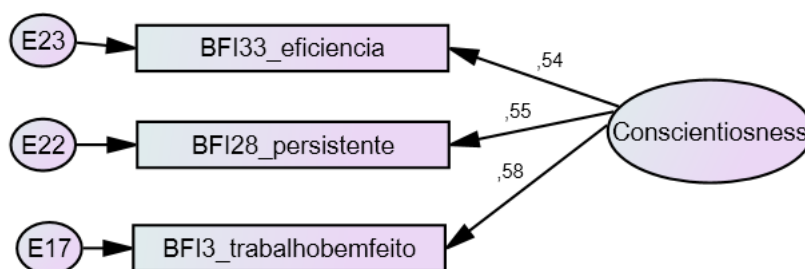


Para melhorar o ajustamento do modelo foi retirado em primeiro lugar o item “desorganiz” ficando o modelo multigrupo com valor $X^2(60) = 346.7$ $p \leq .001$ (CFI = .85 RMSEA = .05). A amostra portuguesa obteve pesos de regressão entre .48 com o item “descuidado” e com maior peso de regressão .60 com item “eficiencia”, a amostra sueca obteve valores de regressão entre .38 com o item “descuidado” e .64 com o item “concretizaplanos”. Só a amostra indiana obteve pesos de regressão abaixo de .30 com um valor de .25 com o item “descuidado” e maior valor de peso de regressão com .56 com o item “eficiencia”. Foi depois retirado o item “descuidado” ficando o modelo multigrupo valor $X^2(42) = 207.2$ $p \leq .001$ (CFI = .90 RMSEA = .05). Depois de retirado este item, os pesos de regressão variaram entre .45 com o item “distraisefacil” e .62 com o item “eficiencia”, na amostra portuguesa, .29 com o item

“distraíse fácil” e .57 com o item “trabalho bem feito” na amostra indiana e .42 com o item “distraíse fácil” e .65 com o item “concretiza planos” na amostra sueca. Como o modelo já apresentava um bom ajustamento, passamos à etapa seguinte, com o objetivo de obter a equivalência das medidas. Para isso, foram retirados os itens com maior desvio padrão entre as três amostras. Foram retirados os itens “concretiza planos” “preguiçoso”, “distraíse fácil” e “profissional” ficando o modelo multigrupo com valor de ajustamento de $X^2(0) = 0.0$ $p \leq .001$ (CFI = .1 RMSEA = .13). O modelo restrito obteve valores de $X^2(4) = 5.1$ $p = 0.277$ (CFI = 1.0 RMSEA = .13), sendo a diferença entre os dois modelos de $\Delta X^2(4) = 5.1$ $p = .277$. O modelo multigrupo de conscienciosidade (**Fig.10**) ficou com 3 itens : “eficiência”, “persistente” e “trabalho bem feito”

Fig.10

Modelo multigrupo final, conscienciosidade livremente estimado, na amostra sueca (valores padronizados)



Tendo analisado o ajustamento das duas medidas (*PANAS* e *BFI*) em cada uma das amostras do estudo e no multigrupo, com as três amostras em conjunto, bem como, tendo obtido o ajustamento e a equivalência das medidas, podemos avançar com a análise de correlação, análise de regressão e comparação transcultural, usando as variáveis latentes.

Análise da Correlação entre Conscienciosidade, Amabilidade e Afeto Positivo e Afeto Negativo

Assim, no passo seguinte (**Tabela 1**), definimos um modelo multigrupo com todas as subescalas do estudo e analisámos a correlação entre as quatro variáveis latentes em cada amostra. O modelo multigrupo apresentou um valor de ajustamento de $X^2(213) = 368,8$ $p \leq .001$ (CFI = .95 RMSEA = .02).

Tabela 1

Correlação entre os traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e afeto positivo e negativo

Variáveis	Portugal		Índia		Suécia	
	R		R		R	
Amabilidade ↔ NA	-.14	*	-.01		-.08	*
Amabilidade..... ↔ PA	.25	***	.25	**	.18	**
Conscienciosidade ↔ NA	-.23	***	-.34	**	-.25	**
Conscienciosidade ↔ PA	.33	***	.35	***	.33	***
PA ↔ NA	-.14	*	-.29	**	-.27	***
Amabilidade..... ↔ Conscienciosidade	.51	***	.56	***	.39	***

Participantes portugueses (N= 541); participantes indianos (N=574); participantes suecos (N=551) afeto positivo, afeto negativo, conscienciosidade, amabilidade * $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

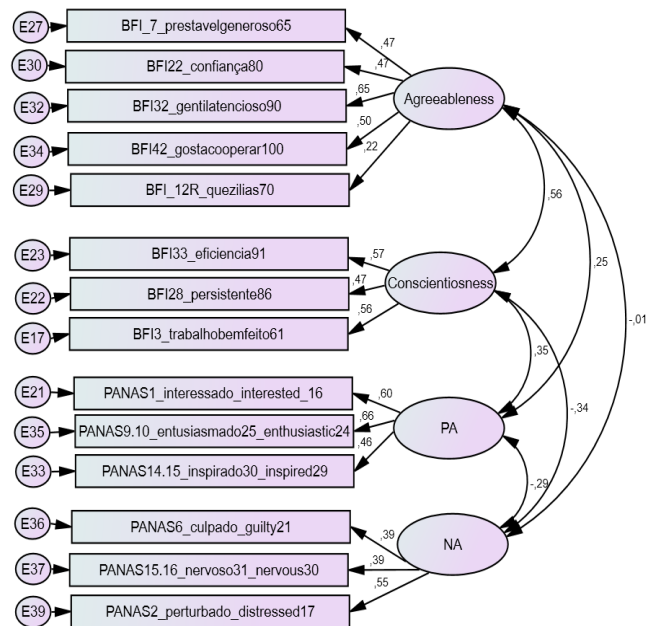
Nas três amostras, as variáveis latentes estiveram correlacionadas de modo muito fraco e fraco (entre -.14 a .35), exceto a correlação entre a amabilidade e o afeto negativo na Índia que mostrou valores não significativos (-.01). Os resultados de correlação entre os dois traços de personalidade correlacionaram-se moderadamente (entre .51 e .56) nas amostras portuguesa e indiana e na amostra sueca de modo mais fraco (.39). As duas dimensões do afeto apresentaram valores de correlação inversa muito fracos e fracos entre si (entre -.14 e -.29). Analisando os

resultados de correlação entre os traços de personalidade e o afeto positivo e negativo em cada uma das amostras, podemos verificar que foi na amostra indiana onde se verificou uma maior associação entre os traços de conscienciosidade (.35) e amabilidade (.25) e o afeto positivo (**Fig. 11**). Em relação ao afeto negativo, foi também a amostra indiana, que apresentou valores de correlação mais elevados com o traço de conscienciosidade (-.34). Mas o mesmo não aconteceu com o traço amabilidade, que obteve valores de correlação não

significativos (-.01). Na amostra portuguesa, as variáveis de personalidade também estiveram correlacionadas de modo fraco e muito fraco. A conscienciosidade apresentou valores de correlação ligeiramente superiores tanto com o afeto positivo (.33) como inversamente com o afeto negativo (-.23). O traço de amabilidade esteve correlacionado de modo fraco (.25) com o afeto positivo e muito fraco (-.14) com o afeto negativo. A amostra sueca apresentou valores muito próximos aos da amostra portuguesa. Obteve valores de correlação fracos entre o traço de conscienciosidade e o afeto positivo (.33) e o afeto negativo (-.25). O traço de amabilidade apresentou valores muito fracos, tanto entre o afeto positivo (.18) como com o afeto negativo (-.08).

Fig.11

Modelo correlacional multigrupo livremente estimado, amostra indiana (valores standarizados)



Análise de Regressão entre as Variáveis Amabilidade, Conscienciosidade e o Afeto Positivo Negativo

Foi feita por fim, a análise de regressão entre os traços de personalidade (amabilidade e a conscienciosidade) e o afeto (positivo e negativo), para tentar perceber qual a relação de predição entre as variáveis. O ajustamento do modelo de regressão multigrupo foi de $X^2(0) = (216) = 386,3$ $p \leq .001$ (CFI = .94 RSMEA = .02). Os resultados das associações entre personalidade e afeto negativo mostram que, após a variância explicada pela conscienciosidade, a relação entre a amabilidade e o afeto negativo na Índia foi de .30, enquanto em Portugal e na Suécia foram não significativas (**Tabela 2**). Ainda, a associação entre a Conscienciosidade e o afeto positivo, foram superiores na Índia e na Suécia, comparando com a mesma associação em Portugal.

Tabela 2

Valores de regressão não padronizados e padronizados entre traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e afeto positivo e negativo

Variáveis	Portugal				Índia				Suécia			
	b	S.E	Beta	p	b	S.E	Beta	p	b	S.E	Beta	p
Amabilidade - NA	-.03	.12	-.05	.68	.30	.15	.34	.03	.05	.11	.07	.54
Amabilidade -PA	.11	.13	.17	.18	.03	.14	.04	.77	.03	.14	.06	.64
Conscienciosidade -NA	-.23	.11	-.28	.01	-.56	.19	-.63	***	-.32	.12	-.42	***
Conscienciosidade - PA	.28	.11	.37	***	.37	.16	.54	***	.35	.14	.58	***

Participantes portugueses (N= 541); participantes indianos (N=574); participantes suecos (N=551) afeto positivo, afeto negativo, conscienciosidade, amabilidade *** $p \leq .001$

Os dois traços de personalidade apresentaram valores de associação positivos com o afeto positivo e negativa com o afeto negativo. Nos dois casos, relacionaram-se de forma fraca ou muito fraca.

O traço de conscienciosidade, mostrou ser o melhor preditor de afeto positivo em todas as amostras, apesar de se ter relacionado de forma fraca com o afeto positivo. Com o afeto negativo, relacionou-se de forma negativa e moderada na amostra indiana e de forma fraca na amostra portuguesa e sueca.

O traço de amabilidade, não se relacionou moderadamente com nenhum dos afetos. Apresentou valores de relação entre muito fraco e não significativo nas três amostras em estudo com o afeto positivo, e o mesmo aconteceu em relação ao afeto negativo em que se relacionou de forma fraca ou não significativa em todas as amostras.

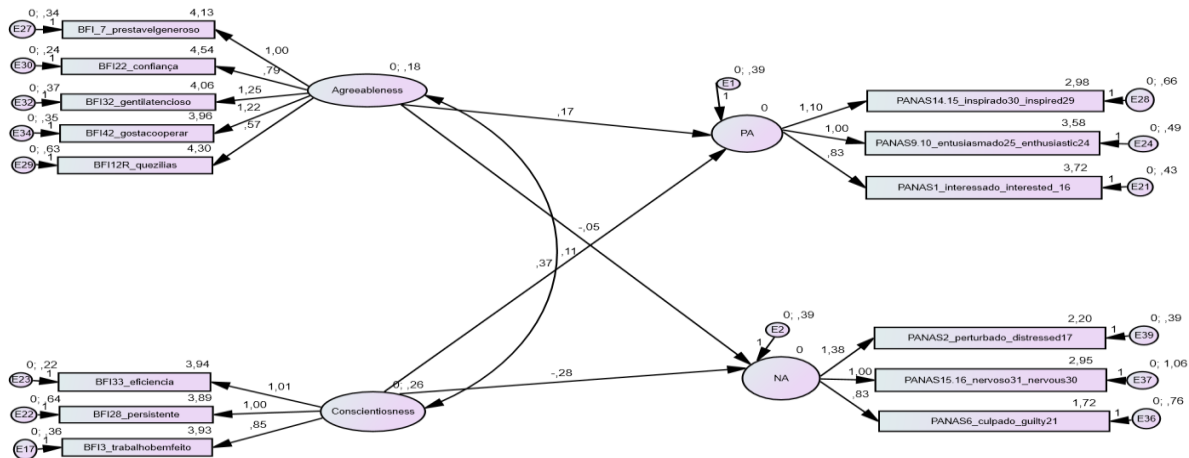
Comparação da Análise de Regressão entre as Variáveis Amabilidade, Conscienciosidade e o Afeto Positivo e Negativo

Para analisar se a relação entre traços de personalidade e as dimensões afetivas do bem-estar entre culturas é significativamente diferente entre os três países, foram constrangidos os caminhos de regressão entre as variáveis latentes e obtivemos os valores de ajustamento de $X^2(246) = 554,8$ $p \leq .001$ (CFI = .90 RSMEA = .03). A diferença entre os dois modelos foi de $X^2(30) = 168,5$ $p \leq .001$. Ou seja, há diferenças significativas entre os valores de regressão livremente estimados e constrangidos, nas três amostras. Na amostra indiana, o traço de conscienciosidade foi o maior preditor de afeto positivo (.37), e o mesmo aconteceu na amostra sueca (.35) e portuguesa (.28). Em relação ao traço de amabilidade, na amostra indiana e sueca apresentaram valores de regressão que não são significativos (ambas com .03) e a amostra portuguesa conseguiu um valor ligeiramente superior (.11) . mas não significativo. Em relação ao afeto negativo, a conscienciosidade, relacionou-se negativamente com esta variável nas três amostras. Sendo a amostra indiana onde o valor de regressão foi superior (-.56), seguida da amostra sueca (-.32) e da amostra portuguesa (-.23). O traço de amabilidade relacionou-se de forma positiva e fraca na amostra indiana (.30) e obteve valores não significativos na amostra portuguesa (- 0.3) e na amostra sueca (.05).

O traço de conscienciosidade, mostrou ser o melhor preditor de afeto positivo em todas as amostras apesar de se ter relacionado de forma fraca com o afeto positivo. Com o afeto negativo, relacionou-se de forma negativa e moderada na amostra indiana e de forma fraca na amostra portuguesa e sueca.

Figura 12

Modelo estrutural multigrupo, testando os efeitos dos traços de amabilidade e conscienciosidade comopreditores do afeto positivo e afeto negativo, amostra portuguesa (valores não standarizados)



Síntese de Resultados

Na análise de correlação, o traço de amabilidade e conscienciosidade apresentaram valores positivos na associação com o afeto positivo, e negativos na associação com o afeto negativo. Os dois afetos apresentaram valores de correlação negativos entre si. Na análise de regressão, o traço de amabilidade foi preditor, tanto de afeto negativo como de afeto positivo. Enquanto traço de conscienciosidade apenas foi preditor de afeto positivo, obtendo valores de regressão negativos com o afeto negativo.

Discussão

Este estudo transversal, utilizou amostras de conveniência de três países com traços culturais distintos e teve como objetivos analisar como as variáveis conscienciosidade e amabilidade se relacionam com o afeto positivo e negativo e depois comparar esta relação entre culturas com dimensões culturais diferentes.

Foram colocadas as seguintes 4 hipóteses:

“Hipótese 1 - Em países com níveis de Masculinidade/ Motivação para a Realização e o Sucesso (MRS) baixos ou alta feminilidade, a associação entre a conscienciosidade e o bem-estar emocional será mais fraca comparado com os países de alta MRS. De acordo com os níveis deste traço cultural nos três países, espera-se que esta associação seja mais forte na Índia, do que em Portugal e mais reduzida na Suécia.

Hipótese 2 - Espera-se que a associação entre o traço de amabilidade o bem-estar emocional seja mais forte em países com baixa masculinidade/MRS ou alta feminilidade. De acordo com os níveis deste traço cultural nos três países, espera-se que esta associação seja mais forte na Suécia, seguida de Portugal e mais fraca na Índia.

Hipótese 3: Em países com uma cultura com maior distância ao poder a associação entre a conscienciosidade e o bem-estar emocional será mais fraca do que em países com menor distância ao poder. De acordo com os níveis culturais de cada país espera-se que esta associação seja mais fraca na Índia, intermédia em Portugal e mais forte na Suécia.

Hipótese 4: Em países com maior distância ao poder, a associação entre a amabilidade e o bem-estar emocional será mais fraca do que em países com menor distância ao poder. De acordo com os níveis culturais de cada país, espera-se que esta associação seja mais fraca na Índia, intermédia em Portugal e mais forte na Suécia.”

Para testar cada uma das hipóteses, foi realizada, em primeiro lugar, a análise de correlação entre os traços de personalidade (amabilidade e conscienciosidade) e as duas dimensões do afeto. Depois, foram comparados os resultados observados, entre as diferentes amostras e analisados em função das dimensões culturais, de acordo com (Hofstede et al., 2010),

sobretudo nas dimensões de distância ao poder e masculinidade/feminilidade ou motivação para a realização e sucesso.

Afeto e Personalidade,

Os resultados entre os traços de personalidade e o afeto positivo e negativo apontam nas três amostras para que haja uma relação de associação significativa semelhante entre estas variáveis, apesar de serem países com características culturais diferentes. Os dois traços de personalidade correlacionaram-se de forma negativa com o afeto negativo e de forma positiva com o afeto positivo. Estes resultados são semelhantes a outros estudos que pretendiam testar a ligação entre estas variáveis (Anglim et al., 2020; Asebedo & Browning, 2020) e onde foram também encontradas correlações semelhantes entre eles. As correlações foram muito fracas, exceto na amostra indiana, em que a amabilidade não teve uma associação significativa com o afeto negativo.

Depois, foi realizada uma análise de regressão para tentarmos perceber como os traços de personalidade em conjunto podem ou não ser preditores de afeto positivo e negativo, controlando a contribuição do outro traço. Na análise de regressão, a amabilidade perdeu valor preditivo do afeto positivo e negativo, em geral, nos três países, quando considerada a contribuição da conscienciosidade. Pelo contrário, a contribuição da conscienciosidade para o afeto positivo e negativo manteve-se semelhante nas três amostras, quando considerada a contribuição da amabilidade.

Os valores das relações de associação entre os traços de personalidade e afeto positivo e negativo não apoiaram as hipóteses colocadas no início deste estudo. O traço de conscienciosidade foi o único que obteve resultados semelhantes aos esperados nas três amostras, tanto na predição do afeto positivo como na predição de afeto negativo. Mostrou ser preditor do afeto positivo em todas as amostras e relacionou-se negativamente com o afeto negativo também nas três amostras. A conscienciosidade, apresentou resultados semelhantes em relação ao afeto em outros estudos (Anglim & Grant., 2016; Özgen, & Tangör, 2022). Neste último estudo, os autores pretendiam perceber como o traço de conscienciosidade se relaciona com o afeto positivo e negativo. Eles concluíram, que os indivíduos com elevada conscienciosidade têm uma maior capacidade de perceber as situações stressantes, como controláveis. Além disso, conseguem criar mais alternativas para as ultrapassar, do que indivíduos menos conscienciosos. Desta forma,

conseguem reduzir níveis de afeto negativo e aumentar o seu afeto positivo (Özgen, & Tangör, 2022).

Já o traço de amabilidade, que se esperava ter resultados semelhantes ao da conscienciosidade, na relação com o afeto positivo e negativo, obteve resultados diferentes do esperado nas três amostras. Os resultados mostraram relações muito fracas (em Portugal e na Suécia) e não significativa (na Índia) entre a amabilidade e o afeto negativo. Porém, um resultado surpreendente surgiu na amostra indiana. A associação não significativa da amabilidade ao afeto negativo, na análise de correlação, passou a uma associação positiva fraca (.30) na análise de regressão. Os resultados indicam que após a contribuição da conscienciosidade que é de (-.56) para o afeto negativo, a amabilidade passa a contribuir positivamente (.30). Ou seja, quanto mais amabilidade, mais afeto negativo. Era esperado que o traço de amabilidade não fosse preditor do afeto negativo em nenhuma das amostras e que se relacionaria negativamente e não positivamente com o afeto negativo como no estudo de (Komulainen et al., 2014 ; Anglim & Grant., 2016). No caso da amostra indiana, podemos verificar, que existe uma maior contribuição da conscienciosidade para o afeto positivo (obteve uma relação moderada de -.56 com o afeto negativo). A diferença encontrada nos resultados da amostra indiana podem estar relacionados com o contexto socioeconómico. Num contexto em que existe um *status* económico mais baixo e que existe uma maior distância ao poder, os indivíduos tendem a ser amáveis e humildes devido às suas condições de vida e por isso, podem não sentir maior afeto positivo com elevada amabilidade. A conscienciosidade, pode funcionar como um facilitador para que os indivíduos consigam melhorar as suas condições de vida e atingir os seus objetivos pessoais, o que ajuda a aumentar o seu afeto positivo. A conscienciosidade associa-se fortemente com a perseguição de objetivos de vida nos indivíduos e alcançar esses objetivos traz-lhes um elevado de bem-estar. (Anglim et al., 2020). Isto também se verifica nos outros países, em menor escala pois a contribuição da conscienciosidade é menor em Portugal e na Suécia do que na Índia.

A amostra portuguesa, foi a que obteve resultados mais próximos aos que seriam esperados em relação ao afeto negativo e a amabilidade. Mostrando uma relação negativa com o afeto negativo, apesar de ter obtido valores não significativos (Mill et al., 2016). Os resultados observados, podem ser explicados pelo traço cultural de orientação a longo prazo. Alguns estudos defendem que o traço cultural de orientação a longo prazo pode potenciar os comportamentos

pró-sociais, caso a cultura apresente uma curta orientação a longo prazo (Guo et al., 2018 ; Luria et al., 2019). Estes tipos de comportamentos contribuem para que haja um aumento no afeto positivo nos indivíduos (Laguna et al., 2022). Sendo a amabilidade, o traço de personalidade que está mais associado a este tipo de comportamentos (Rudert et al., 2020), é expectável que nos indivíduos da cultura portuguesa, que é também a cultura com menor orientação a longo prazo, haja uma maior contribuição da amabilidade para o aumento do seu afeto positivo e redução do seu afeto negativo. Os outros países em estudo, apresentam posições intermédias no traço cultura de orientação a longo prazo e, por isso, têm características culturais dos dois pólos não sendo tão visível esta relação.

Diferenças Entre os Traços Culturais

O passo seguinte, foi tentar verificar se as hipóteses que tinham sido levantadas anteriormente, sobre como podem variar as relações entre os traços de personalidade e o afeto em dimensões culturais diferentes, seriam confirmadas ou não. As hipóteses que foram colocadas, têm como base a correspondência entre os traços de personalidade e os traços culturais dos países em estudo e foram levantadas, tendo em conta a premissa de que a semelhança entre os traços de personalidade e os traços culturais dos indivíduos, resulta num melhor ajustamento ao seu contexto o que poderá estar associado a um maior bem-estar emocional (Gebauer, et al., 2020). A amabilidade, como já referido anteriormente, é um traço que está muito relacionado com as relações sociais e com características como a humildade, a modéstia ou a preocupação com os outros. Estas características estão também muito relacionadas com o traço cultural masculinidade /motivação para a realização e o sucesso (MRS).e com a baixa distância ao poder. Já a conscienciosidade, tem como base um conjunto de características como a proatividade, perseguição de objetivos e o cumprimento de normas que são características associadas a uma maior distância ao poder (Gibson& Steinberg, 2016).

Nas duas primeiras hipóteses foram analisados os resultados das relações entre os traços de conscienciosidade, amabilidade e o afeto com o a dimensão cultural masculinidade (MRS) nas três amostras. Em relação à primeira hipótese: “Em países com níveis de Masculinidade/Motivação para a Realização e o Sucesso (MRS) baixos ou alta feminilidade, a associação entre a conscienciosidade e o bem-estar emocional será mais fraca comparado com os países de alta MRS. De acordo com os níveis deste traço cultural nos três países, espera-se que

esta associação seja mais forte na Índia, do que em Portugal e mais reduzida na Suécia.”. As culturas masculinas (alta MRS) priorizam valores como a competição entre os membros para atingirem o sucesso individual e a assertividade, enquanto as femininas valorizam o cuidado com os outros, e a cooperação entre os indivíduos (Bartram, 2013). Era esperado que os países com valores elevados na dimensão de masculinidade (alta MRS), tivessem uma relação mais forte com a conscienciosidade e o bem-estar (Gibson & Steinberg, 2016). Como previsto, os resultados demonstram que a associação entre a conscienciosidade e o afeto positivo na amostra indiana (cultura mais masculina) foi a que obteve uma relação mais forte. Em segundo lugar, a amostra sueca foi a que obteve uma relação mais forte (mesmo sendo a cultura mais feminina das três amostras), e depois a amostra portuguesa, (também uma cultura tendencialmente feminina) mas onde os resultados foram ainda mais baixos do que na Suécia. Neste caso, as culturas pertencentes aos dois extremos (alta masculinidade ou alta feminilidade) apresentam uma maior associação entre o traço de personalidade conscienciosidade e o afeto positivo do que a cultura intermédia. A segunda hipótese colocada foi “Espera-se que a associação entre o traço de amabilidade o bem-estar emocional seja mais forte em países com baixa masculinidade/MRS ou alta feminilidade. De acordo com os níveis deste traço cultural nos três países, espera-se que esta associação seja mais forte na Suécia, seguida de Portugal e mais fraca na Índia”. Segundo (Gibson& Steinberg, 2016) as culturas com maior nível de masculinidade (MRS) teriam uma relação mais fraca com a amabilidade, e o afeto positivo. Ao contrário do esperado, Portugal teve a associação mais forte entre a amabilidade e o afeto positivo enquanto a Índia e Suécia tiveram associações ligeiramente menores. Podemos também verificar que apesar de a Suécia ser a cultura menos masculina (ou menor MRS), obteve resultados muito próximos da amostra indiana (que é a cultura mais masculina ou maior MRS). Logo, os resultados comprovam parcialmente as hipóteses colocadas entre masculinidade (MRS), e a associação entre os traços de personalidade e o afeto positivo.

As outras duas hipóteses foram colocadas tendo em conta os traços de personalidade em estudo e o traço cultural de distância ao poder. A distância ao poder define como os indivíduos aceitam as desigualdades sociais e as hierarquias. Os resultados deste traço cultural não são conclusivos segundo a literatura. Enquanto alguns estudos indicam que nas culturas com maior distância ao poder, haveria uma maior amabilidade (Krishnan, 2017), outros defendiam que não existe nenhuma relação entre esta dimensão e os traços de personalidade (Migliore, 2011). Em

relação à terceira hipótese colocada : “Em países com uma cultura com maior distância ao poder a associação entre a conscienciosidade e o bem-estar emocional será mais fraca do que em países com menor distância ao poder. De acordo com os níveis culturais de cada país espera-se que esta associação seja mais fraca na Índia, intermédia em Portugal e mais forte na Suécia.” A associação com a conscienciosidade e o afeto positivo na amostra indiana foi a que obteve uma associação mais forte, seguida da amostra sueca e da amostra portuguesa que obtiveram resultados ligeiramente mais baixos. Ou seja, as amostras de culturas com maior ou menor distância ao poder, apresentam resultados elevados na relação entre a conscienciosidade e o afeto positivo. A amostra portuguesa apesar de apresentar um valor intermédio de distância ao poder, foi a amostra que apresentou os valores mais fracos entre a conscienciosidade e afeto positivo. Na última hipótese colocada “ Em países com maior distância ao poder, a associação entre a amabilidade e o bem-estar emocional será mais fraca do que em países com menor distância ao poder. De acordo com os níveis culturais de cada país, espera-se que esta associação seja mais fraca na Índia, intermédia em Portugal e mais forte na Suécia” . Como previsto, a amostra indiana que pertence a uma cultura com maior distância ao poder, foi a que obteve valor mais reduzido entre o afeto positivo e a amabilidade, seguida da amostra sueca (com menor distância ao poder) e por fim a portuguesa (que também pertence a uma cultura com grande distância ao poder).

Apesar das hipóteses levantadas não se terem confirmado na sua totalidade, é possível verificar que as culturas que se posicionam num extremo alto ou baixo em cada traço cultural, acabam por apresentar resultados semelhantes na associação entre os traços de personalidade e o afeto. As culturas que se posicionam de forma intermédia, apresentam resultados diferentes.

Conclusão

Os resultados deste estudo apoiam os resultados de anteriores estudos quanto à associação esperada entre conscienciosidade e o bem-estar emocional, associado a um maior afeto positivo e a um menor afeto negativo, bem como, entre a amabilidade e o bem-estar emocional. Porém, quanto às diferenças observadas nos valores de regressão entre os traços de personalidade e o bem-estar, a maior contribuição da conscienciosidade e a menor contribuição da amabilidade para o bem-estar na Índia, pode estar relacionada com os traços culturais do país. Este é também, dos três países, o que revela uma masculinidade e distância ao poder superiores, comparado com Portugal e a Suécia.

De acordo com os resultados obtidos podemos concluir que os traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade relacionam-se com o afeto negativo e positivo independente da cultura em que os indivíduos estão inseridos.

Apesar de terem sido utilizados instrumentos com uma boa validade interna (*PANAS* com Alpha de Cronbach superior a .85 na versão portuguesa e inglesa e *BFI* com valores superiores a .70 na versão portuguesa e inglesa) estudos semelhantes, podem ajudar a comprovar a consistência dos resultados obtidos. Além disso, estudos longitudinais e/ou com maior número de culturas onde possam ser analisados todos os cinco grandes traços de personalidade, podem ajudar a entender melhor os fatores que são responsáveis pela relação entre o afeto, a cultura e os traços de personalidade. Em relação às limitações, foi utilizada uma amostra não probabilística, o que reduz a validade externa e a capacidade de os resultados serem generalizáveis em outras amostras.

Referências Bibliográficas

- Allik, J. (2018). The almost unbearable lightness of personality. *Journal of Personality*, 86(1), 109–123. <https://doi.org/10.1111/jopy.12329>
- Anglim, J., & Grant, S. (2014). Predicting psychological and subjective well-being from personality: Incremental prediction from 30 facets over the Big 5. *Journal of Happiness Studies*, 17(1), 59–80. <https://doi.org/10.1007/s10902-014-9583-7>
- Anglim, J., Horwood, S., Smillie, L. D., Marrero, R. J., & Wood, J. K. (2020). Predicting psychological and subjective well-being from personality: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 146(4), 279–323. <https://doi.org/10.1037/bul0000226>
- Asebedo, S. D., & Browning, C. M. (2020). The psychology of portfolio withdrawal rates. *Psychology and Aging*, 35(1), 78–90. <https://doi.org/10.1037/pag0000424>
- Athota, V. S., Budhwar, P., & Malik, A. (2019). Influence of personality traits and moral values on employee well-being, resilience, and performance: A cross-national study. *Applied Psychology*, 69(3), 653–685. <https://doi.org/10.1111/apps.12198>
- Bartram, D., & Brown, A. (2004). Online testing: Mode of administration and the stability of OPQ 32i scores. *International Journal of Selection & Assessment*, 12(3), 278–284. https://doi.org/10.1111/j.0965-075x.2004.282_1.x
- Baselmans, B. M. L., van de Weijer, M. P., Abdellaoui, A., Vink, J. M., Hottenga, J. J., Willemsen, G., Nivard, M. G., de Geus, E. J. C., Boomsma, D. I., & Bartels, M. (2019). A Genetic Investigation of the Well-Being Spectrum. *Behavior Genetics*, 49(3), 286–297. <https://doi.org/10.1007/s10519-019-09951-0>
- Bojanowska, A., & Urbańska, B. (2021). Individual values and well-being: The moderating role of personality traits. *International Journal of Psychology*, 56(5), 698–709. <https://doi.org/10.1002/ijop.12751>
- Bresin, K., & Robinson, M. D. (2014). You are what you see and choose: Agreeableness and situation selection. *Journal of Personality*, 83(4), 452–463. <https://doi.org/10.1111/jopy.12121>

- Brito-Costa, S., Bem-Haja, P., Moisés, A., Alberty, A., Castro, F. V., & De Almeida, H. (2015). Psychometric properties of portuguese version of big five inventory (BFI). *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(2), 83-94. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2015.n2.v1.325>
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 156-186.
- Chen, H., & Zeng, Z. (2021). When do hedonic and eudaimonic orientations lead to happiness? Moderating effects of orientation priority. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(18), 9798. <https://doi.org/10.3390/ijerph18189798>
- Chiang, Y.-H., Hsu, C.-C., & Shih, H.-A. (2017). Extroversion personality, domain knowledge, and the creativity of new product development engineers. *Creativity Research Journal*, 29(4), 387–396. <https://doi.org/10.1080/10400419.2017.1376501>
- Choi, D., Oh, I.-S., & Colbert, A. E. (2015). Understanding organizational commitment: A meta-analytic examination of the roles of the five-factor model of personality and culture. *Journal of Applied Psychology*, 100(5), 1542–1567. <https://doi.org/10.1037/apl0000014>
- De Mooij, M., & Hofstede, G. (2011). Cross-Cultural Consumer Behavior: a Review of Research Findings. *Journal of International Consumer Marketing*, 23(3-4), 181–192. <https://doi.org/10.1080/08961530.2011.578057>
- Diener, E., Heintzelman, S. J., Kushlev, K., Tay, L., Wirtz, D., Lutes, L. D., & Oishi, S. (2017). Findings all psychologists should know from the new science on subjective well-being. *Canadian Psychology/Psychologie Canadienne*, 58(2), 87–104. <https://doi.org/10.1037/cap0000063>
- Diener, E., Oishi, S., & Tay, L. (2018). Advances in subjective well-being research. *Nature Human Behaviour*, 2(4), 253–260. <https://doi.org/10.1038/s41562-018-0307-6>
- Du, T. V., Yardley, A. E., & Thomas, K. M. (2020). Mapping Big Five personality traits within and across domains of interpersonal functioning. *Assessment*, 28(5), 1358–1375. <https://doi.org/10.1177/1073191120913952>

- Eck, J., & Gebauer, J. E. (2021). A sociocultural norm perspective on Big Five prediction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 122(3), 554–575. <https://doi.org/10.1037/pspp0000387>
- Entringer, T. M., Gebauer, J. E., & Kroeger, H. (2022). Big Five personality and religiosity: Bidirectional cross-lagged effects and their moderation by culture. *Journal of Personality*, 91(3), 736–752. <https://doi.org/10.1111/jopy.12770>
- Extremiera, N., Rey, L., Quintana-Orts, C., Mérida-López, S., & Neto, F. (2022). A 4-month prospective study of the relationship between emotional intelligence and suicide ideation in Spanish adolescents: The mediating role of positive and negative affect. *Death Studies*, 47(4), 509–513. <https://doi.org/10.1080/07481187.2022.2072019>
- Fors Connolly, F., & Johansson Sevä, I. (2021). Agreeableness, extraversion and life satisfaction: Investigating the mediating roles of social inclusion and status. *Scandinavian Journal of Psychology*, 62(5), 752–762. <https://doi.org/10.1111/sjop.12755>
- Gebauer, J. E., Eck, J., Entringer, T. M., Bleidorn, W., Rentfrow, P. J., Potter, J., & Gosling, S. D. (2020). The Well-Being Benefits of Person-Culture Match Are Contingent on Basic Personality Traits. *Psychological Science*, 31(10), 1283–1293. <https://doi.org/10.1177/0956797620951115>
- Gibson, T., & Steinberg, H. (2016). Customer Service, The Big 5 & Cultural Dimensions Among Accountants in Chile & the USA. In *Allied Academies International Internet Conference* (Vol. 7).
- Giuntoli, L., Condini, F., Ceccarini, F., Huta, V., & Vidotto, G. (2020). The different roles of hedonic and eudaimonic motives for activities in predicting functioning and well-being experiences. *Journal of Happiness Studies*, 22(4), 1657–1671. <https://doi.org/10.1007/s10902-020-00290-0>
- Grosse Rueschkamp, J. M., Kuppens, P., Riediger, M., Blanke, E. S., & Brose, A. (2020). Higher well-being is related to reduced affective reactivity to positive events in daily life. *Emotion* 20(3), 376–390. <https://doi.org/10.1037/emo0000557>

- Guimond, S., Branscombe, N. R., Brunot, S., Buunk, A. P., Chatard, A., Désert, M., Garcia, D. M., Haque, S., Martinot, D., & Yzerbyt, V. (2007). Culture, gender, and the self: Variations and impact of social comparison processes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(6), 1118–1134. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.92.6.1118>
- Guo, Q., Liu, Z., Li, X., & Qiao, X. (2018). Indulgence and long-term orientation influence prosocial behavior at the national level. *Frontiers in Psychology*, 9, 1798. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01798>
- Hall, C. S., Lindzey, G., & Campbell, J. B. (2000). *Teorias da personalidade* (M. Verrone, Ed. & Trans.; 4th ed., pp. 225–235). Artes Médicas Sul.
- Heidemeier, H., & Göritz, A. S. (2015). The instrumental role of personality traits: Using mixture structural equation modeling to investigate individual differences in the relationships between the Big Five traits and life satisfaction. *Journal of Happiness Studies*, 17(6), 2595–2612. <https://doi.org/10.1007/s10902-015-9708-7>
- Heydari, A., Laroche, M., Paulin, M., & Richard, M.-O. (2021). Hofstede’s individual-level indulgence dimension: Scale development and validation. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 62, 102640. <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2021.102640>
- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), 1–26. <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1014>
- Hofstede, G., Hofstede, G. J., & Minkov, M. (2010). *Cultures and organizations: Software of the mind: Intercultural cooperation and its importance for survival* (3rd ed.). McGraw-Hill.
- Hotchin, V., & West, K. (2021). Reflecting on nostalgic, positive, and novel experiences increases state openness. *Journal of Personality*, 89(2), 258–275. <https://doi.org/10.1111/jopy.12580>
- Huels, B., & Parboteeah, K. P. (2019). Neuroticism, agreeableness, and conscientiousness and the relationship with individual taxpayer compliance behavior. *Journal of Accounting & Finance*, 19(4), 181–193. <https://doi.org/10.33423/jaf.v19i4.2181>

- Joshanloo, M. (2023). Within-person associations between subjective well-being and Big Five personality traits. *Journal of Happiness Studies*, 24(6), 2111–2126.
<https://doi.org/10.1007/s10902-023-00673-z>
- Komulainen, E., Meskanen, K., Lipsanen, J., Lahti, J. M., Jylhä, P., Melartin, T., Wichers, M., Isometsä, E., & Ekelund, J. (2014). The effect of personality on daily life emotional processes. *PLOS ONE*, 9(10), e110907. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0110907>
- Krishnan, S. (2017). Personality and espoused cultural differences in technostress creators. *Computers in Human Behavior*, 66, 154–167. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.09.039>
- Kuykendall, L., Tay, L., & Ng, V. (2015). Leisure engagement and subjective well-being: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 141(2), 364–403. <https://doi.org/10.1037/a0038507>
- Laguna, M., De Longis, E., Mazur-Socha, Z., & Alessandri, G. (2021). Explaining prosocial behavior from the inter- and within-individual perspectives: A role of positive orientation and positive affect. *Journal of Happiness Studies*, 23(4), 1599–1615.
<https://doi.org/10.1007/s10902-021-00464-4>
- Luria, G., Cnaan, R. A., & Boehm, A. (2019). National culture of indulgence as predictor of prosocial behavior: Governmental effectiveness as boundary condition. *VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 30(5), 1164–1175.
<https://doi.org/10.1007/s11266-019-00124-5>
- Matz, S. C. (2021). Personal echo chambers: Openness-to-experience is linked to higher levels of psychological interest diversity in large-scale behavioral data. *Journal of Personality and Social Psychology*, 121(6), 1284–1300. <https://doi.org/10.1037/pspp0000324>
- McAdams, D. P., & Pals, J. L. (2006). A new Big Five: Fundamental principles for an integrative science of personality. *American Psychologist*, 61(3), 204–217.
<https://doi.org/10.1037/0003-066x.61.3.204>
- McCrae, R. R., Scally, M., Terracciano, A., Abecasis, G. R., & Costa, P. T. (2010). An alternative to the search for single polymorphisms: Toward molecular personality scales for the five-factor model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99(6), 1014–1024. <https://doi.org/10.1037/a0020964>

- McTiernan, K., Gullon-Scott, F., & Dudley, R. (2022). Do positive psychology interventions impact on the subjective well-being and depression of clients? A systematic methodological review. *Journal of Contemporary Psychotherapy: On the Cutting Edge of Modern Developments in Psychotherapy*, 52(1), 1–13. <https://doi.org/10.1007/s10879-021-09522-7>
- Migliore, L. A. (2011). Relation between Big Five personality traits and Hofstede's cultural dimensions. *Cross Cultural Management: An International Journal*, 18(1), 38–54. <https://doi.org/10.1108/13527601111104287>
- Mill, A., Realo, A., & Allik, J. (2016). Retrospective ratings of emotions: The effects of age, daily tiredness, and personality. *Frontiers in Psychology*, 6, 2020. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.0202>
- Miranda, D. (2020). The emotional bond between neuroticism and music. *Psychomusicology: Music, Mind & Brain*, 30(2), 53–63. <https://doi.org/10.1037/pmu0000250>
- Miranda, D. (2021). Neuroticism, musical emotion regulation, and mental health. *Psychomusicology: Music, Mind & Brain*, 31(2), 59–73. <https://doi.org/10.1037/pmu0000275>
- Mongrain, M., Barnes, C., Barnhart, R., & Zalan, L. B. (2018). Acts of kindness reduce depression in individuals low on agreeableness. *Translational Issues in Psychological Science*, 4(3), 323–334. <https://doi.org/10.1037/tps0000168>
- Mueller, S., Wagner, J., Ram, N., Wagner, G. G., & Gerstorf, D. (2019). How far reaches the power of personality? Personality predictors of terminal decline in well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 116(4), 634–650. <https://doi.org/10.1037/pspp0000184>
- Neira, I., Lacalle-Calderon, M., Portela, M., & Perez-Trujillo, M. (2019). Social capital dimensions and subjective well-being: A quantile approach. *Journal of Happiness Studies*, 20(8), 2551–2579. <https://doi.org/10.1007/s10902-018-0028-6>
- Nickel, L. B., Roberts, B. W., & Chernyshenko, O. S. (2019). No evidence of a curvilinear relation between conscientiousness and relationship, work, and health outcomes. *Journal*

of Personality and Social Psychology, 116(2), 296–312.

<https://doi.org/10.1037/pspp0000176>

Özgen, H., & Tangör, B. B. (2022). From trait affect and conscientiousness to individual entrepreneurial orientation: The mediating role of cognitive flexibility. *Journal of Psychology*, 156(2), 117–132. <https://doi.org/10.1080/00223980.2021.2014390>

Paulus, T. M., Bichelmeyer, B., Malopinsky, L., Pereira, M., & Rastogi, P. (2005). Power distance and group dynamics of an international project team: A case study. *Teaching in Higher Education*, 10(1), 43–55. <https://doi.org/10.1080/1356251052000305525>

Pfund, G. N. (2023). Applying an Allportian trait perspective to sense of purpose. *Journal of Happiness Studies*, 24(4), 1625–1642. <https://doi.org/10.1007/s10902-023-00644-4>

Pollock, N. C., Noser, A. E., Holden, C. J., & Zeigler-Hill, V. (2016). Do orientations to happiness mediate the associations between personality traits and subjective well-being? *Journal of Happiness Studies: An Interdisciplinary Forum on Subjective Well-Being*, 17(2), 713–729. <https://doi.org/10.1007/s10902-015-9617-9>

Pais-Ribeiro, J., & Cummins, R. (2008). O bem-estar pessoal: Estudo de validação da versão portuguesa da escala. In I. Leal, J. Pais-Ribeiro, I. Silva, & S. Marques (Eds.), *Actas do 7º congresso nacional de psicologia da saúde* (pp. 505–508). ISPA.

Rudert, S. C., Keller, M. D., Hales, A. H., Walker, M., & Greifeneder, R. (2020). Who gets ostracized? A personality perspective on risk and protective factors of ostracism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 118(6), 1247–1268. <https://doi.org/10.1037/pspp0000271>

Schimmack, U., Radhakrishnan, P., Oishi, S., Dzokoto, V., & Ahadi, S. (2002). Culture, personality, and subjective well-being: Integrating process models of life satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(4), 582–593. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.4.582>

Şengül-İnal, G., Kirimer-Aydinli, F., & Sümer, N. (2018). The role of attachment insecurity and Big Five traits on sensory processing sensitivity. *The Journal of Psychology*, 152(7), 497–514. <https://doi.org/10.1080/00223980.2018.1482255>

- Simha, A., & Parboteeah, K. P. (2020). The Big 5 personality traits and willingness to justify unethical behavior—A cross-national examination: Correction. *Journal of Business Ethics*, 167(3), 473. <https://doi.org/10.1007/s10551-019-04153-7>
- Sirgy, M. J. (2019). Positive balance: A hierarchical perspective of positive mental health. *Quality of Life Research*, 28(7), 1921–1930. <https://doi.org/10.1007/s11136-019-02145-5>
- Smits, D. J. M., & Boeck, P. D. (2006). From BIS/BAS to the big five. *European Journal of Personality*, 20(4), 255–270. <https://doi.org/10.1002/per.583>
- Soto, C. J. (2015). Is happiness good for your personality? Concurrent and prospective relations of the big five with subjective well-being. *Journal of Personality*, 83(1), 45–55. <https://doi.org/10.1111/jopy.12081>
- Soto, C. J., & John, O. P. (2017). The next Big Five Inventory (BFI-2): Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and predictive power: Correction to Soto and John (2016). *Journal of Personality and Social Psychology*, 113(1), 143. <https://doi.org/10.1037/pspp0000155>
- Soutter, A. R. B., & Möttus, R. (2020). Big Five facets' associations with pro-environmental attitudes and behaviors. *Journal of Personality*, 89(2), 203–215. <https://doi.org/10.1111/jopy.12576>
- Steel, P., Schmidt, J., & Shultz, J. (2008). Refining the relationship between personality and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 134(1), 138–161. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.134.1.138>
- Strickhouser, J. E., Zell, E., & Krizan, Z. (2017). Does personality predict health and well-being? A metasynthesis. *Health Psychology*, 36(8), 797–810. <https://doi.org/10.1037/hea0000475>
- Sun, J., Kaufman, S. B., & Smillie, L. D. (2017). Unique associations between Big Five personality aspects and multiple dimensions of well-being. *Journal of Personality*, 86(2), 158–172. <https://doi.org/10.1111/jopy.12301>
- The Culture Factor. (n.d.). *Country comparison tool: India*. The Culture Factor. Acedido em 20 de janeiro de 2024, de <https://www.theculturefactor.com/country-comparison-tool?countries=india>

The Culture Factor. (n.d.). *Country comparison tool: Portugal*. The Culture Factor. Acedido em 20 de janeiro de 2024, de <https://www.theculturefactor.com/country-comparison-tool?countries=portugal>

The Culture Factor. (n.d.). *Country comparison tool: Sweden*. The Culture Factor. Acedido em 20 de janeiro de 2024, de <https://www.theculturefactor.com/country-comparison-tool?countries=sweden>

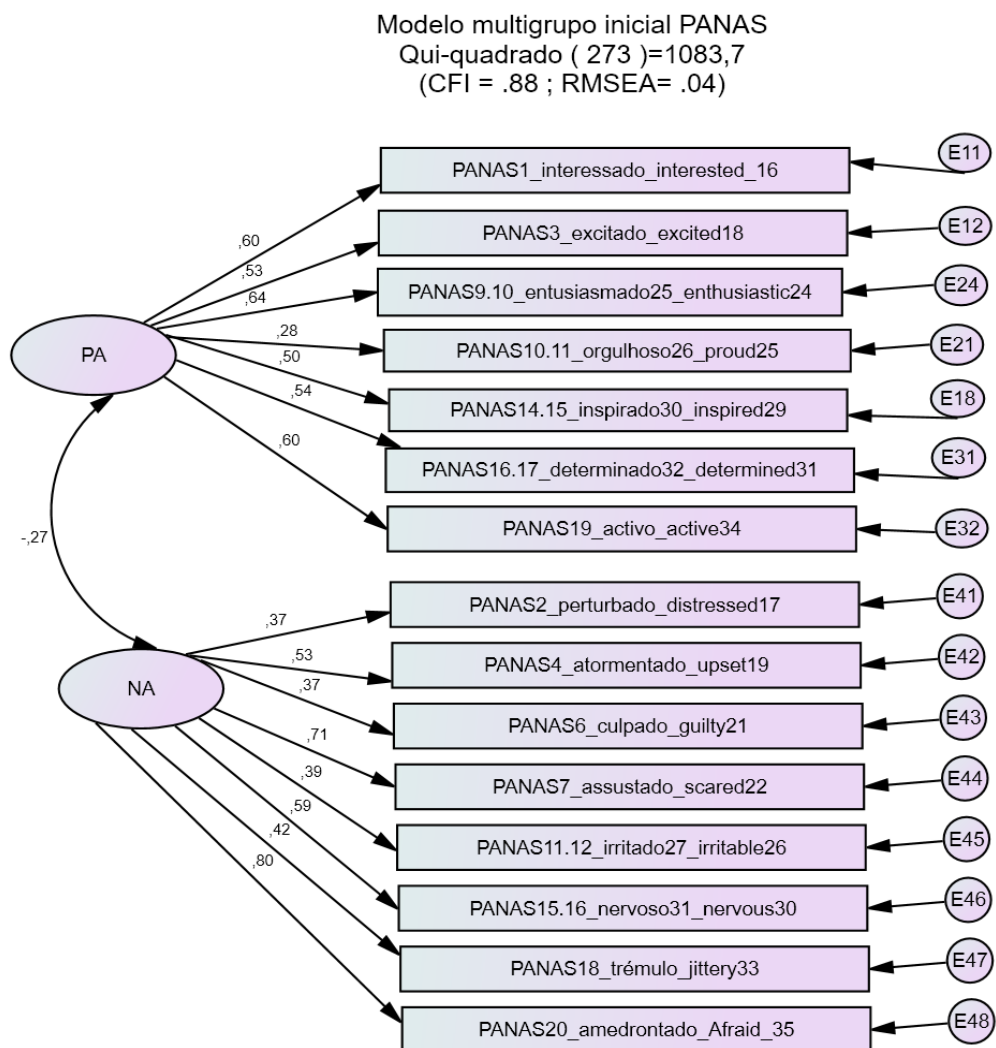
Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063–1070. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>

Zhang, R.-P., & Tsingan, L. (2013). Extraversion and Neuroticism Mediate Associations Between Openness, Conscientiousness, and Agreeableness and Affective Well-Being. *Journal of Happiness Studies*, 15(6), 1377–1388. <https://doi.org/10.1007/s10902-013-9482-3>

ANEXOS

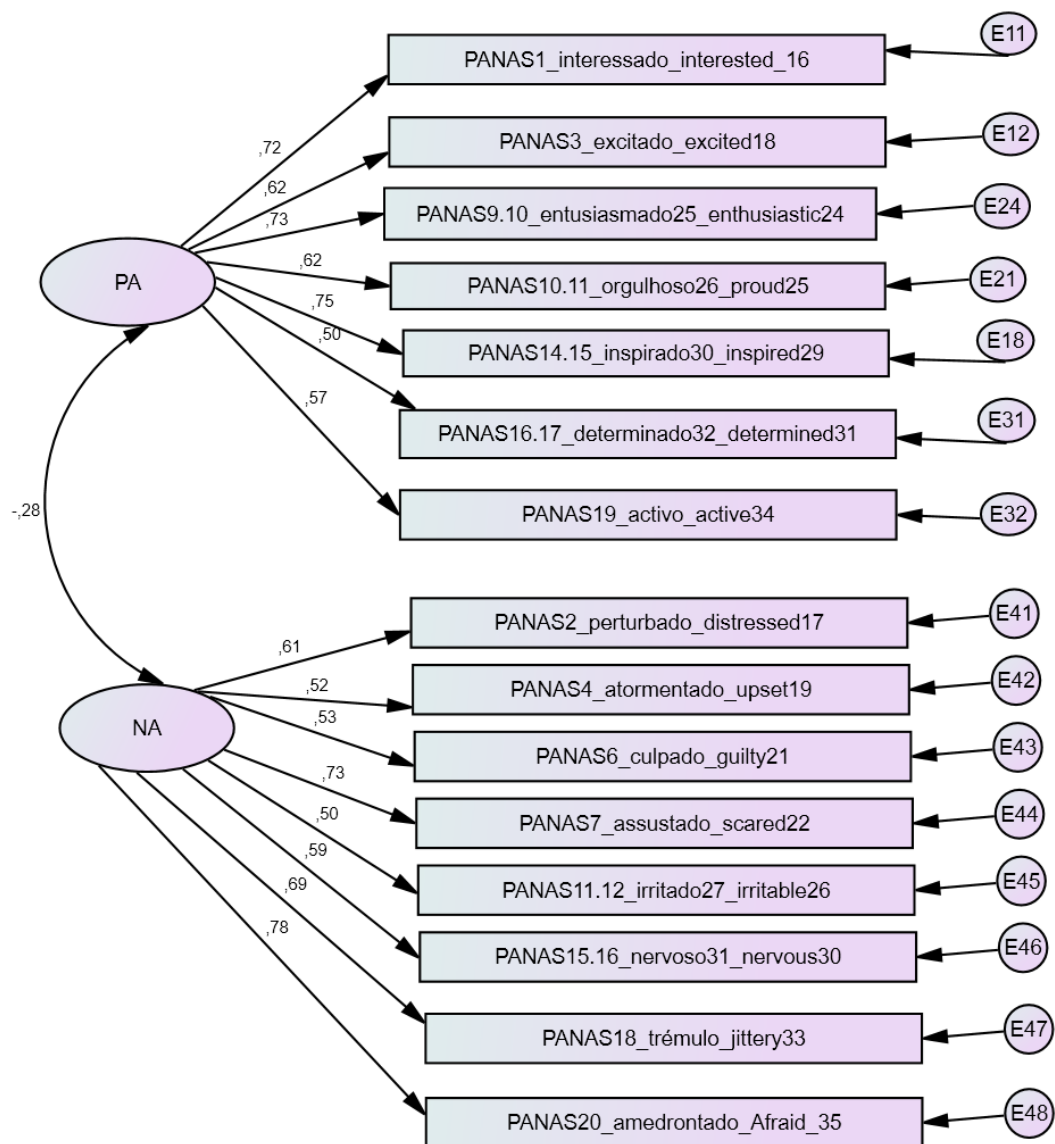
Anexo A Modelo inicial Multigrupo PANAS livremente estimado

Modelo inicial PANAS (amostra indiana valores standarizados)



(Modelo inicial PANAS (amostra sueca valores standarizados))

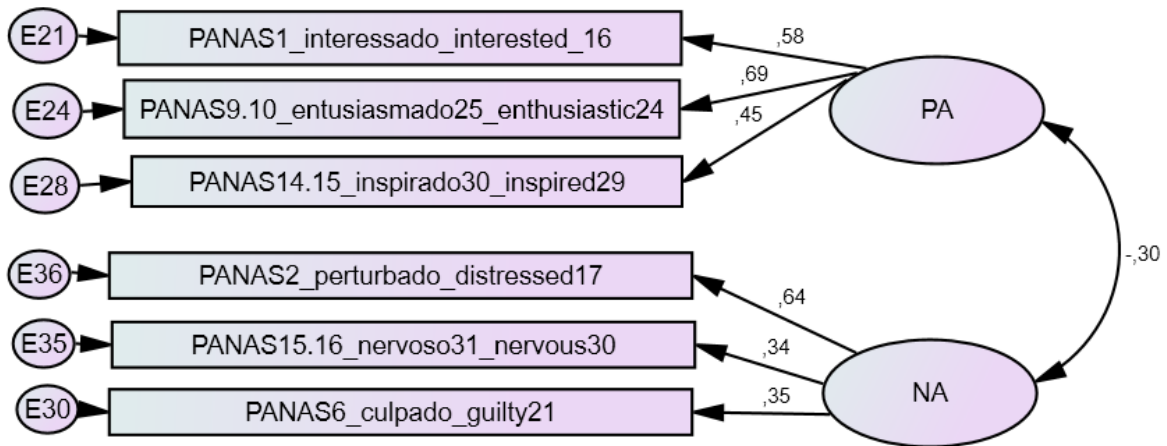
PANAS MODELO INICIAL
 QUI-QUADRADO (273) =1083.7
 CFI=.88 RMSEA=.04)



Anexo B Modelo final Multigrupo PANAS livremente estimado

Modelo final *PANAS* (amostra indiana valores standarizados)

Modelo final multigrupo PANAS
Qui-quadrado (24) = 20.3
CFI = 1 ; RMSEA = 0,00

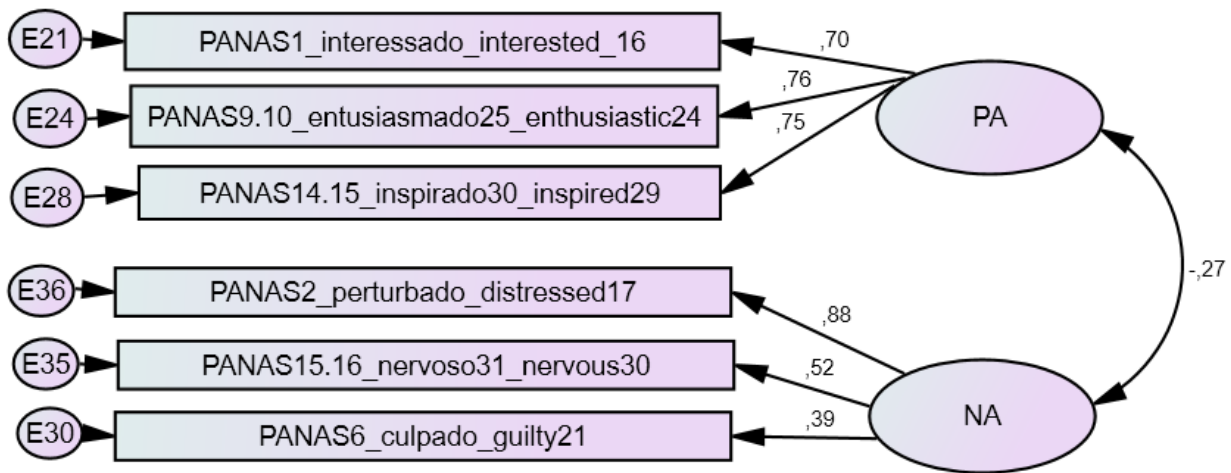


Modelo final PANAS (amostra sueca valores standarizados)

Modelo final multigrupo PANAS

Qui-quadrado (24) = 20.3

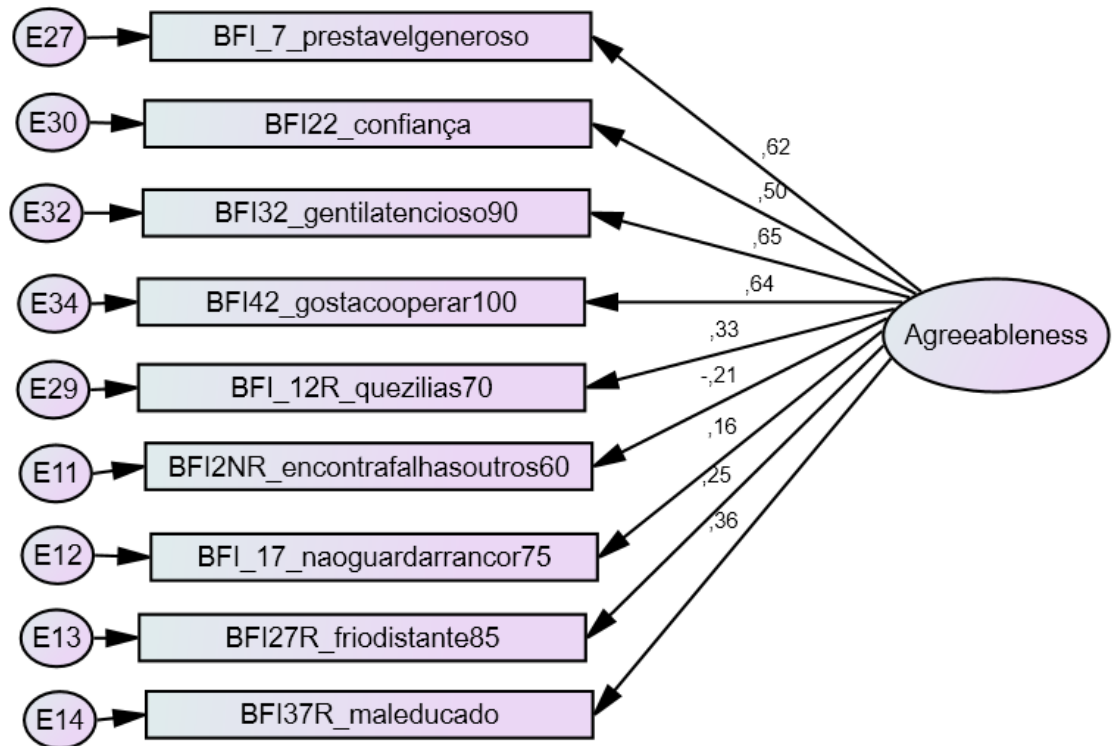
CFI = 1 ; RMSEA = 0,00



Anexo C Modelo multigrupo inicial amabilidade, livremente estimado

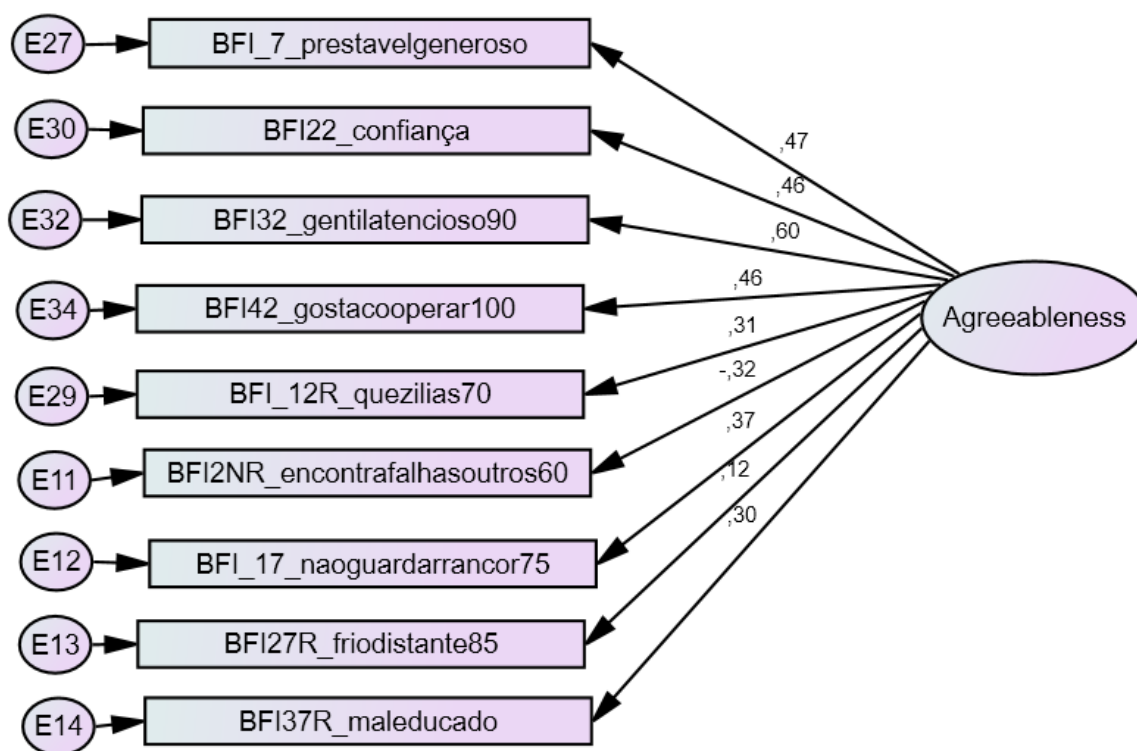
(Amostra portuguesa, valores standarizados)

Modelo Inicial Multigrupo Amabilidade
Qui-quadrado (81) = 324,8
(CFI = .84 ; RMSEA = .04)



(Amostra indiana, valores standarizados)

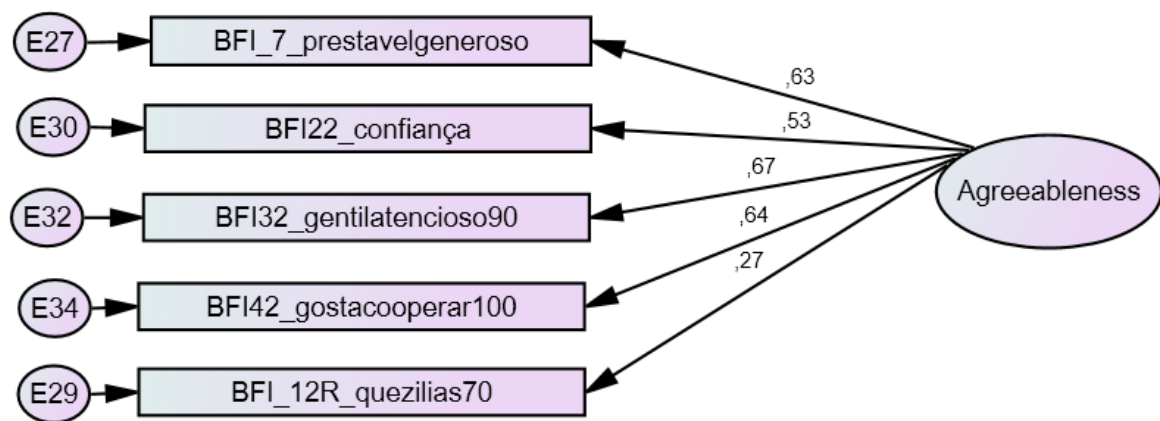
Modelo Inicial Amabilidade
Qui-quadrado(81) = 324,8
(CFI =.842 ; RMSEA = .043)



Anexo D Modelo multigrupo final amabilidade, livremente estimado

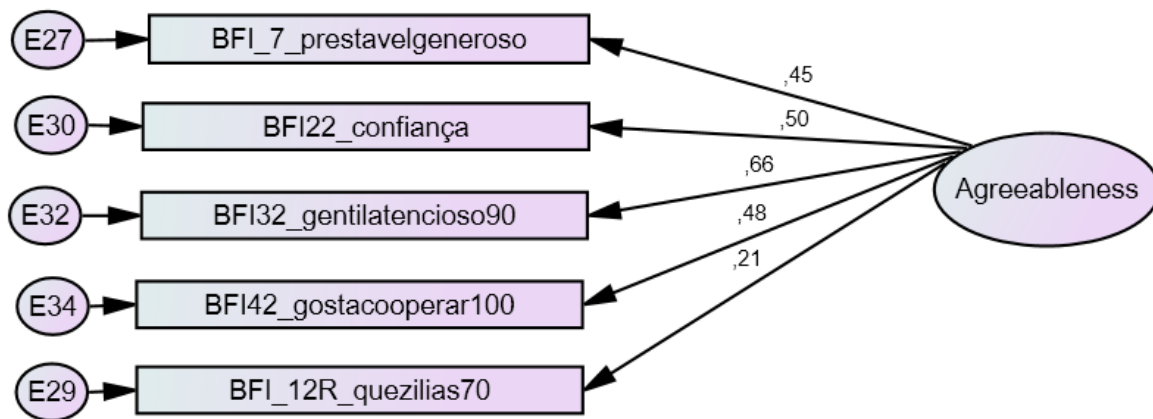
(Amostra portuguesa, valores standarizados)

Modelo Final Multigrupo Amabilidade
Qui-quadrado (15) =23.7
(CFI =.99 ; RMSEA = .02)



(Amostra indiana valores standarizados)

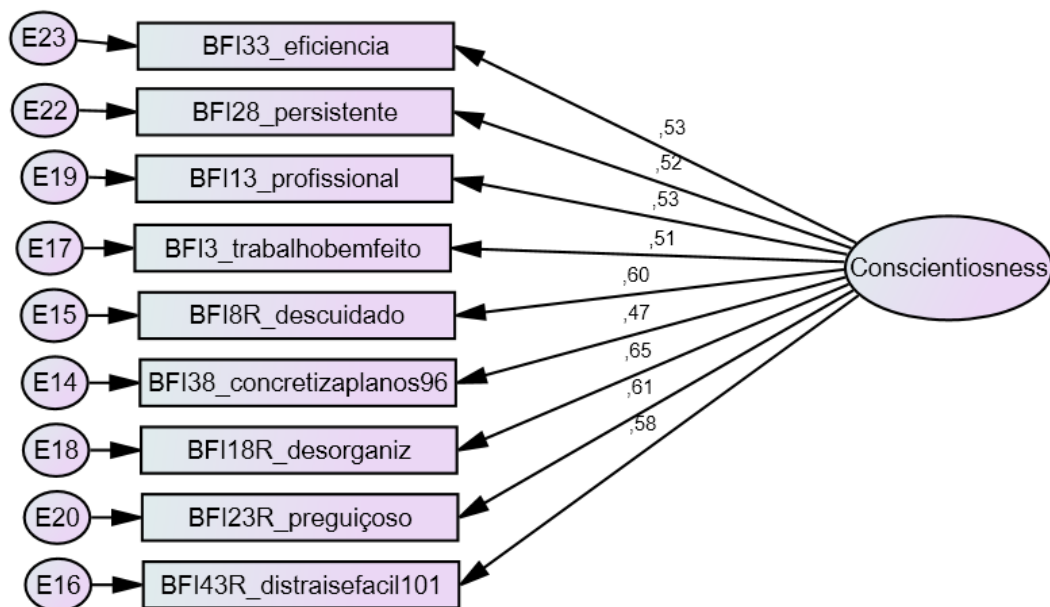
Modelo Final Amabilidade
Qui-quadrado(15) = 23.7
(CFI =.99; RMSEA = .02)



Anexo E Modelo multigrupo inicial conscienciosidade, livremente estimado

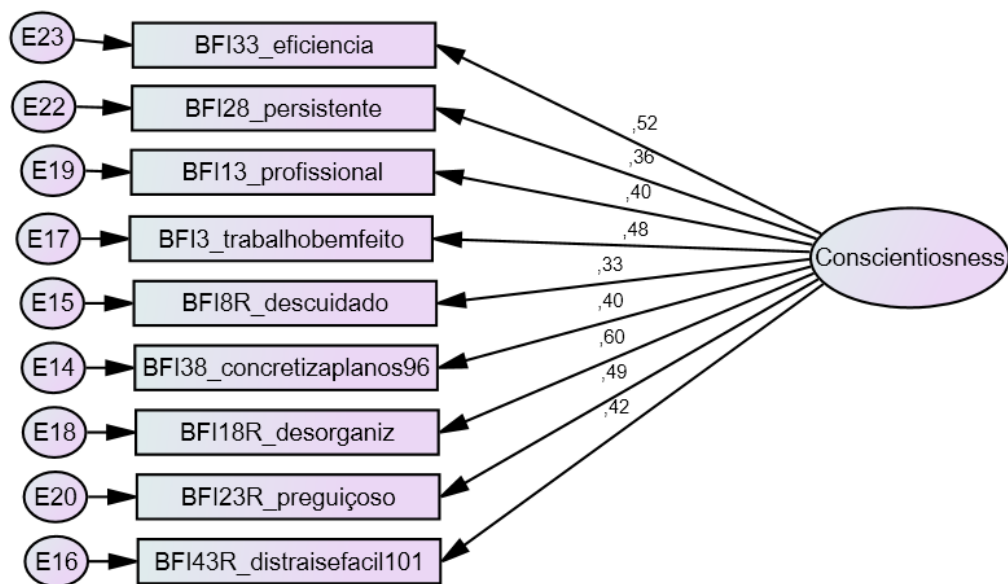
(Amostra portuguesa, valores standarizados)

Modelo Inicial Conscienciosidade
Qui-quadrado (81) = 512, 6
(CFI =.83; RSMEA =.57)



(Amostra indiana, valores standarizados)

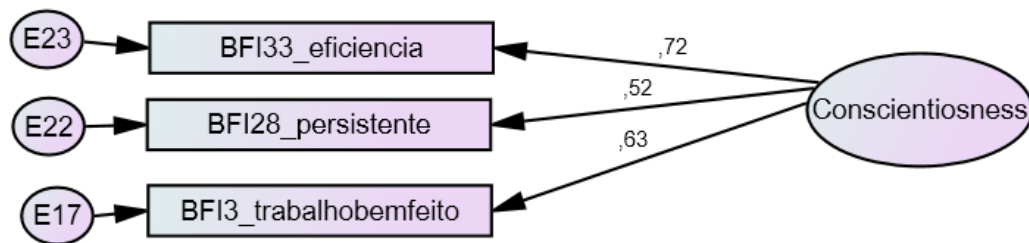
Modelo Inicial Conscienciosidade
Qui-quadrado (81) = 512, 6
(CFI =.83; RSMEA =.57)



Anexo F Modelo multigrupo final conscienciosidade, livremente estimado

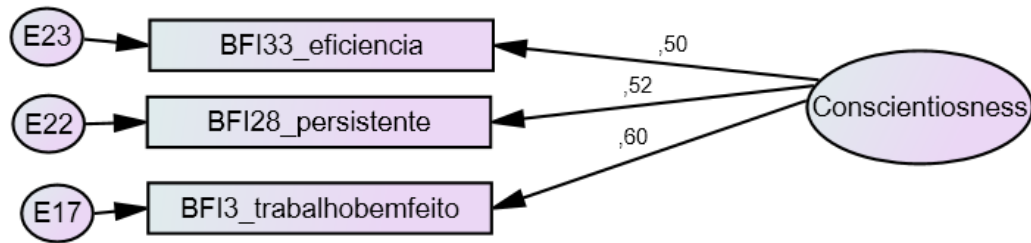
(Amostra portuguesa, valores standarizados)

Modelo Final Conscienciosidade
Qui-quadrado (0) 0,0
(CFI =1.0; RSMEA =.13)



(Amostra indiana, valores standarizados)

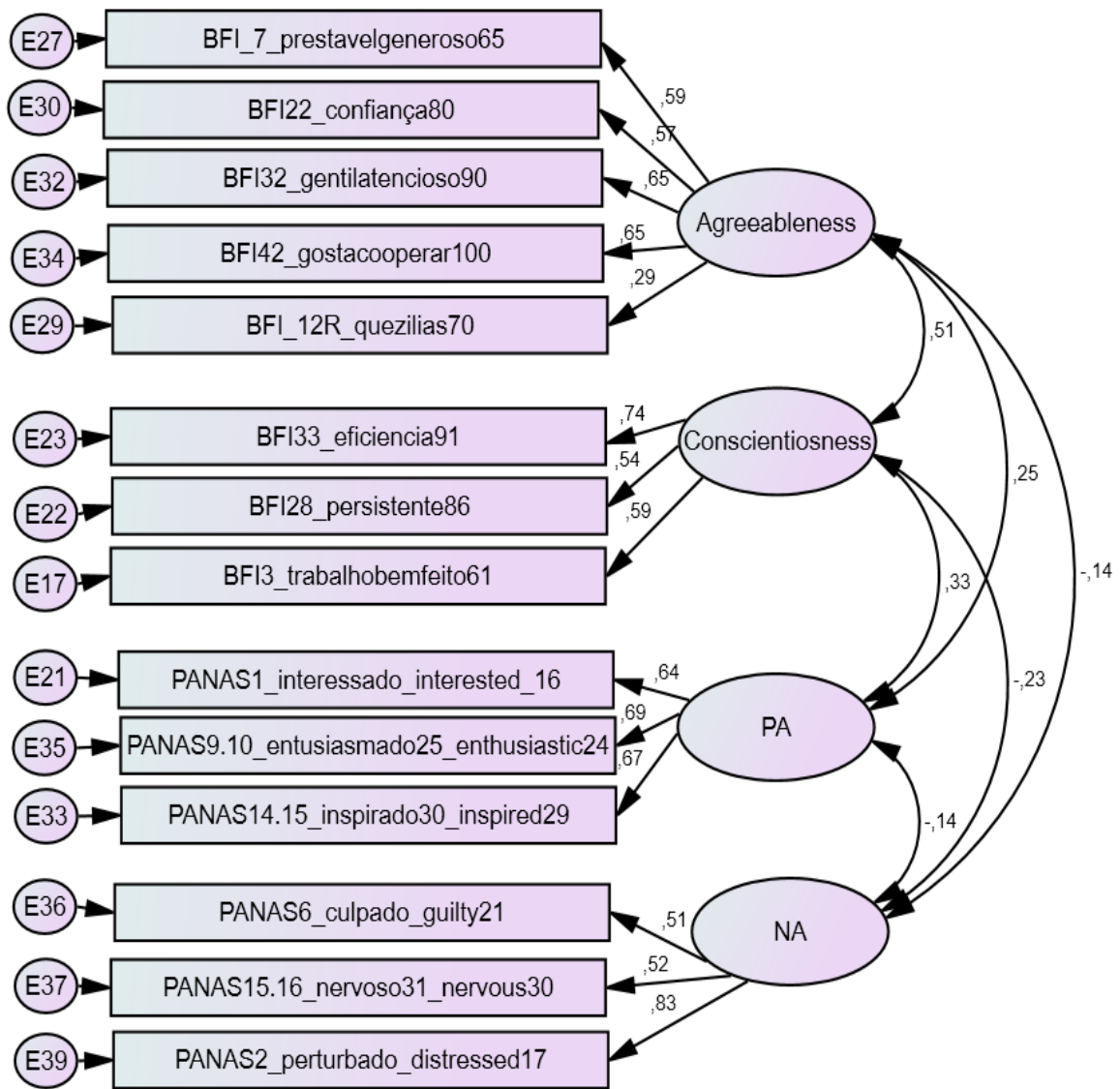
Modelo Final Conscienciosidade
Qui-quadrado (0) 0,0
(CFI =1.0; RSMEA =.13)



Anexo G Modelo correlacional multigrupo, livremente estimado

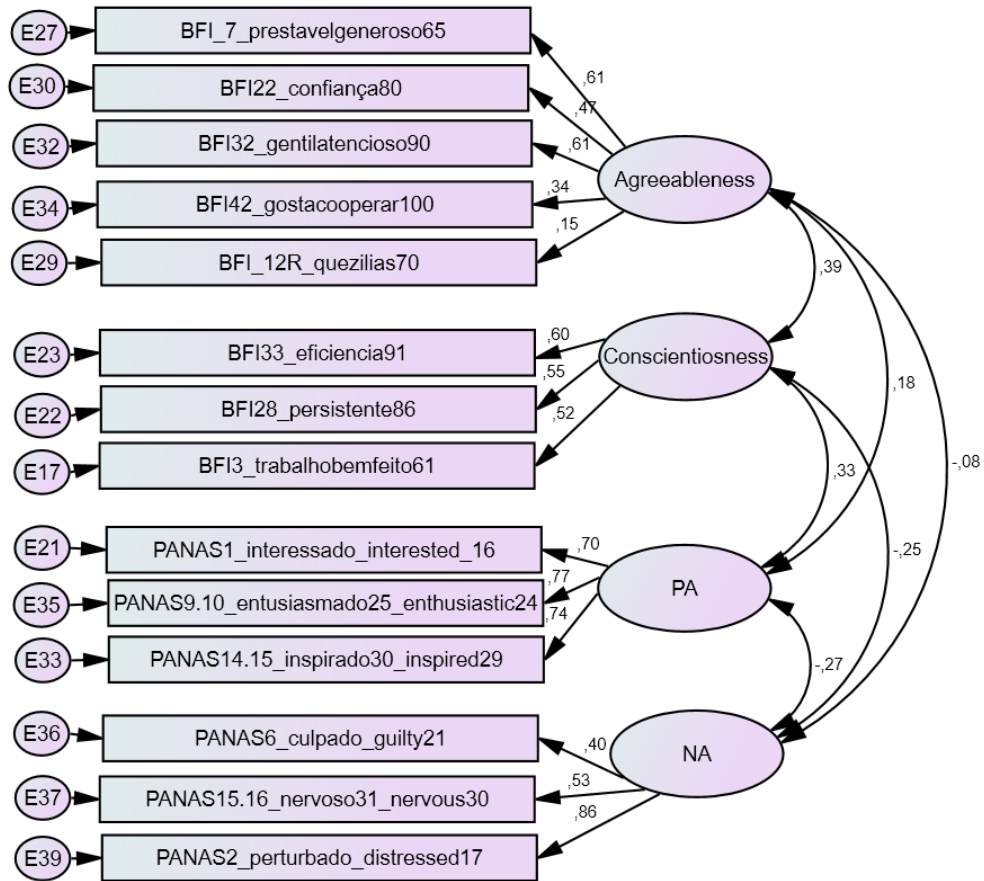
(Amostra portuguesa, valores standarizados)

Modelo Correlacional multigrupo
 amabilidade, conscienciosidade,afeto positivo afeto negativo
 Qui-quadrado (213) =368,8 (CFI=.95; RMSEA=.21)



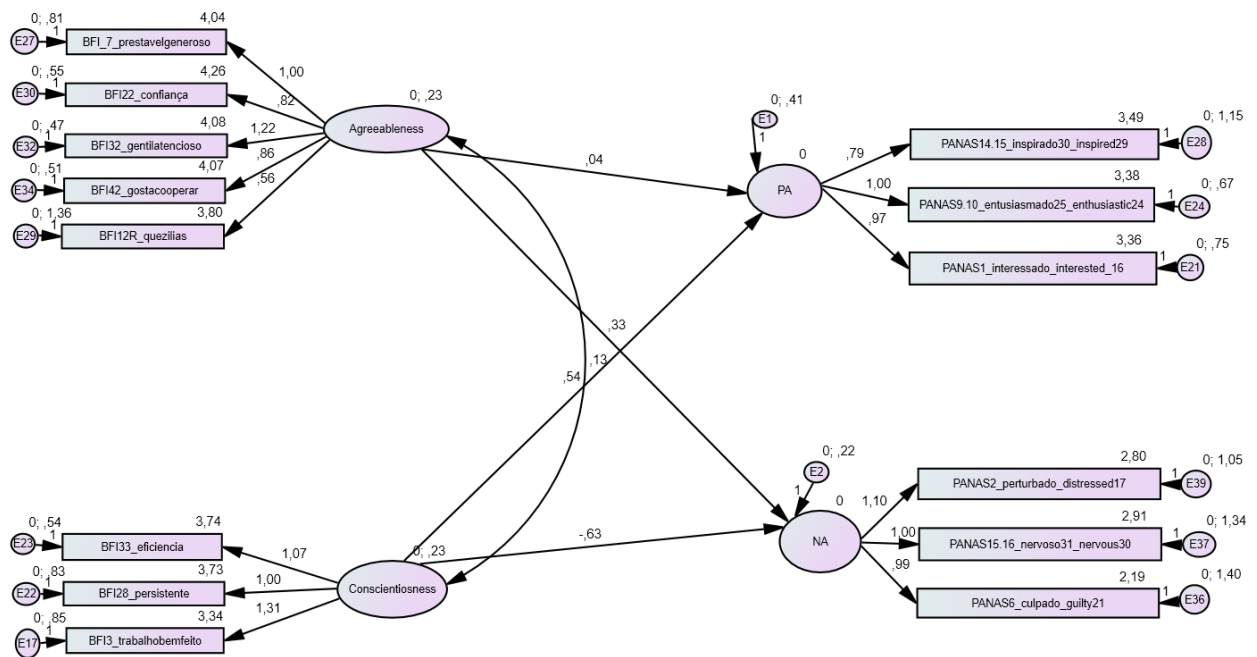
(Amostra sueca, valores standarizados)

Modelo Correlacional amabilidade, conscienciosidade,
afeto positivo afeto negativo
Qui-quadrado (213) =368,8 (CFI=.95; RMSEA=.21)



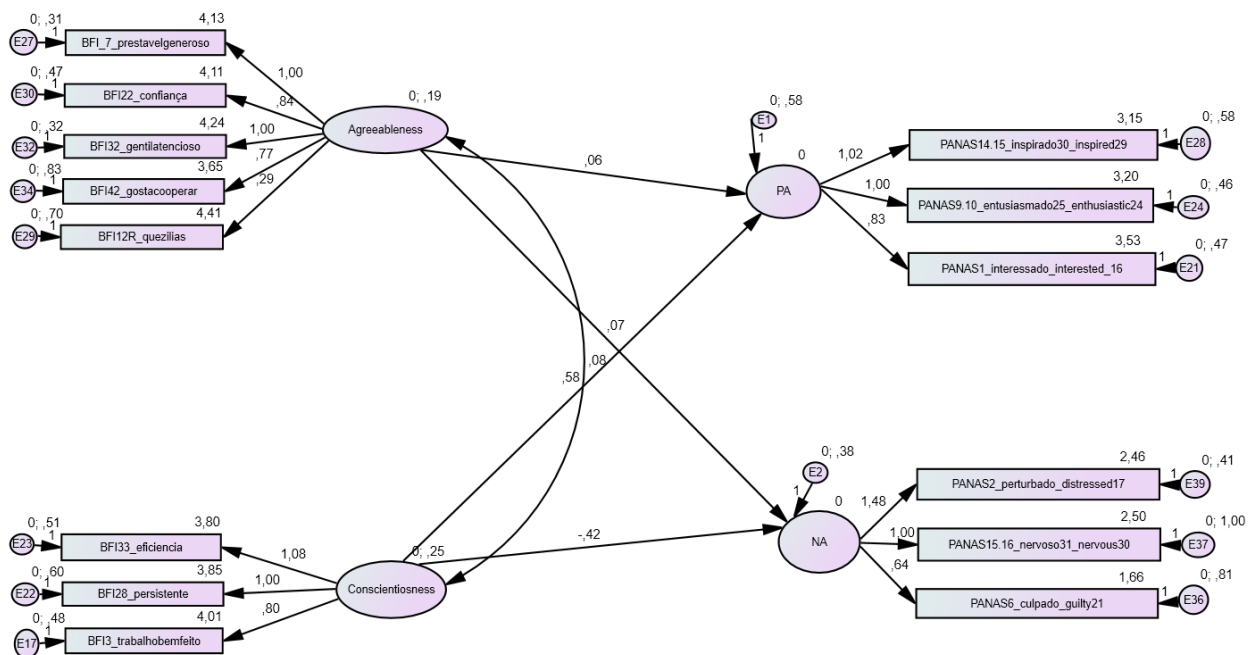
Anexo H Modelo multigrupo regressão amabilidade, conscienciosidade, afeto positivo e afeto negativo, livremente estimado

(Amostra indiana, valores unstandarizados)



(Amostra sueca, valores unstandarizados)

Modelo multigrupo regressão amabilidade, conscienciosidade, afeto positivo e afeto negativo
 Qui-quadrado (216) = 386,3
 (CFI = .90 RSMEA = .02).



Apêndice A

Correlação entre traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e afeto positivo e negativo

Variáveis			Portugal		Índia		Suécia	
			R		R		R	
Amabilidade ↔	NA		-.14	*	-.01		-.08	*
Amabilidade ↔	PA		.25	***	.25	**	.18	**
Conscienciosidade ↔	NA		-.23	***	-.34	**	-.25	**
Conscienciosidade ↔	PA		.33	***	.35	***	.33	***
PA ↔	NA		-.14	*	-.29	**	-.27	***
Amabilidade ↔	Conscienciosidade		.51	***	.56	***	.39	***

Apêndice B

Valores de regressão não padronizados e padronizados *entre traços de personalidade amabilidade e conscienciosidade e afeto positivo e negativo*

Variáveis		Portugal			Índia			Suécia		
		b	S.E	Beta	b	S.E	Beta	b	S.E	Beta
Amabilidade	NA	-.03	.12	-.05	.30	.15	.34	.05	.11	.07
Amabilidade	PA	.11	.13	.17	.03	.14	.04	.03	.14	.06
Conscienciosidade	NA	-.23	.11	-.28	-.56	.19	-.63	-.32	.12	-.42
Conscienciosidade	PA	.28	.11	.37	.37	.16	-.54	.35	.14	.58